

As palavras e o poeta

desesperos íntimos e
encantos ínfimos



Giovani Ferreira Bezerra

UF
GD
editora

Giovani Ferreira Bezerra

As palavras e o poeta:
desesperos íntimos e encantos ínfimos



2023

UNIVERSIDADE FEDERAL
DA GRANDE DOURADOS
Gestão 2021-2022

Reitor Pro Tempore:
Lino Sanabria

Vice-Reitor Pro Tempore:
Arquimedes Gasparotto Júnior

EQUIPE EDUFGD

Coordenação editorial:
Givaldo Ramos da Silva Filho

Divisão de administração
e finanças:
Cynara Almeida Amaral Piruk
Rafael Todescato Cavalheiro

Divisão de editoração:
Brainner de Castro Lacerda
Maurício Lavarda do Nascimento
Rosalina Dantas da Silva
Wanessa Gonçalves Silva
e-mail: editora@ufgd.edu.br

A presente obra foi aprovada
de acordo com o Edital 01/2021/
EDUFGD.

Editora filiada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

CONSELHO EDITORIAL

Givaldo Ramos da Silva Filho
Arquimedes Gasparotto Junior
Bruno Boti Bernardi
Bruno dos Santos Simões
Eliane Souza de Carvalho
Eudes Fernando Leite
Fábio Perboni

Revisão e normalização:
Cynara Almeida Amaral Piruk
Wanessa Gonçalves Silva

Capa, projeto gráfico,
ilustrações e diagramação:
Maurício Lavarda do Nascimento
Brainner de Castro Lacerda

Impressão e acabamento:
Gráfica Triunfal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

B869.jp Bezerra, Giovani Ferreira.
As palavras e o poeta : desesperos íntimos e encantos
ínfimos [e-book]. / Giovani Ferreira Bezerra. – Dourados,
MS : UFGD, 2023.
192p.

ISBN: 978-85-8147-200-3

1. Poesia. 2. Poesia sul-mato-grossense. 3. Paranaíba. I.
Título.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.
©Todos os direitos reservados. Permitida a publicação parcial
desde que citada a fonte.

Para os amores que quase (não) vivi,
Para minha mãe,
Para você, leitor(a),
Para as coisas ínfimas.

Fernando Pessoa

"Autopsicografia

*O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.*

*E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.*

*E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração."*

Fernando Pessoa

Somário



- 12** Sem ti
- 14** Canção de desagravo
- 18** Céu escuro
- 21** Os teus cabelos
- 23** Sobre o East River
- 24** Molecagem
- 28** *Ubi sunt*
- 31** Paranaíba
- 32** Canção a Paranaíba
- 34** Nordeste
- 36** Silêncio
- 37** Eu quero morrer hoje
- 40** Infância
- 41** Café
- 42** Fábrica
- 44** Apelo às imobiliárias
- 46** A escrita
- 48** Terreno baldio
- 50** Impressões

52 À espera do fim
54 Saudade
57 Naufrágio
58 Ausência
61 2 de novembro
62 Parto poético
63 Quem é o poeta?
65 Meio-dia
66 Relógios
70 A bailarina
73 As palavras e o poeta
74 *Verbum*
76 Manhã de sol e chuva
79 Viver
80 Epifania
82 O poeta pobre
85 Perto do fim
87 Poesia
88 Nos seus braços

90 Lembrança
91 O insone
92 Brincadeira das palavras
93 Trava-poema
95 Cochilo
97 Pombos da praça
98 Pedido aos poetas
99 Talvez amanhã
100 Terno de casimira
102 Almas adormecidas
104 Lavadeira
106 Pombais da morte
108 Tormenta à beira-mar
111 O mar e a morte
114 Quando chove
115 Cheiros da memória
117 Voo para o infinito
118 Poema metalinguístico
120 Manhã cinzenta

121 Anarquia literária
122 Horas da puberdade
124 Cotidiano
126 Poema romanticozinho ou uma farsa poética
129 Canção de abstinência ou uma paródia
irônica à *Canção do Exílio*
131 Ferido
132 Poema só para Doracina
136 Ternurinhas para Ana
138 Resistência
139 Ansiedade telefônica
140 Inverno
142 Amar em silêncio
144 Frieza americana
146 Último beijo
148 Consulta à Manuel Bandeira ou
Pneumotórax revisitado
150 O pianista

152 Espera
154 Sozinho
156 Nós
158 Tormentos do amor
159 Só se estiver pronto
161 Ser-labirinto
162 Pandemia
164 Estou só
165 Não demore
166 Seu abraço
168 Verdade?
169 Veredas pedagógicas
172 O segredo da vida
175 Sobre mim
184 Palavreando o humano



Sem ti



Saudade

É salgada como água do mar,
Misteriosa como as sombras dos montes
Que, à tua espera,
eu vejo cá da nossa janela.
Eu te procuro: não encontro, nem aqui,
nem lá, no horizonte.
Então, sem ti, me perco:
sou soldado fuzilado no *front*,
Fraco e fluido, flutuo nas ondas,
fico à deriva,
Sou simples água-viva,
Pequeno rochedo,
Com medo da rebentação...
Basta, porém, um olhar teu,
um sussurro, um cheiro,
Um passo conhecido no portão
E sou outra vez completo, inteiro,
Música, ritmo e compasso,
Ilha e continente,
Alegria das gentes
Que voltam de viagem:
Sonho, realidade e miragem.
Como fênix, rápido eu renasço,
No instante breve do teu longo abraço.

Canção de desagravo

Eu vou fazer uma canção,
que o vento há de levar para ti,
uma canção só para dizer
que nem sei como ser...
que alguém há de se lembrar
quando estiver triste
assim como eu...



Canção

Uma canção alada
que alguém há de cantar
quando tudo que tiver de seu
for o nada,
quando quiser o bem e fizer o mal,
quando deixar o riso verter-se em pranto,
quando se perder de si e de um alguém
que se queira tanto...

Eu vou fazer uma canção tal,
que é para pedir outra vez o teu perdão
porque quando mais te quero,
mais te firo,
quanto mais te espero,
mais me distancio.
Sou como onda que recua
para o fundo negro do mar;
sem tempo, afogo-me, como velho navio:
sou todo silêncio e escombros, penumbra e vazio.
Esqueci-me de como te encontrar,
fui levado pela correnteza forte do rio...

Eu vou fazer uma canção,
que é para dizer que me perdi,
por isso não te alcancei,
fiquei pelo caminho, deixei-me perder.
Fiquei à tua espera, sabendo que fiquei sozinho.

Agora eu faço esta canção,
que é para o vento te levar
nas asas de uma borboleta, fresca e breve.
Eu faço esta canção
que é para te tocar, assim, de leve,
porque eu estou longe
e minha mão te não alcança,
meu olhar ainda te fere: é fogo e lança!

Eu faço esta canção como desagravo,
que é para te lembrar do meu afago,
e para ver se te roubo a dor,
levando em palavras o meu abraço.
Eu faço esta canção em versos alados,
que é toda para pedir o teu perdão,
os teus agrados,
que é para ouvir de novo
o teu doce chamado...

E te mando pelo vento,
que voa célere como as voltas do meu pensamento.
Mas que esta ventania
traga-me de regresso,
em brisa e calmaria,
aquele teu sorriso de alento,
aquele teu olhar amigo.
É só isso que peço,
não sei mais o que te digo.

Eu faço esta canção alada,
que é para alguém cantar
quando se perder de quem ama
e de seu só tiver o nada.
Eu faço esta canção,
que é para dizer-te do meu drama.
Eu faço esta canção
como quem faz um lamento:
em unísono, as palavras ecoam ao vento,
debatem-se comigo,
e me ardem como mil chamas,
te pedindo perdão,
te pedindo perdão,
te pedindo perdão...
É por isso que te faço, caro amigo,
esta canção!

Céu escuro

Como flores negras suspensas na escuridão,
Eu não te vejo, mas te sinto...
ou pressinto...
E então me calo.
Contemplo o céu sem estrelas:
Misterioso labirinto.
Espero, quieto, que, de repente,
uma estrela descuidada e cadente
brilhe no céu apagado,
e eu, num clarão breve e inusitado,
Te veja antes que ela se apague,
antes que o tempo a leve,
antes que a lágrima faça meu rosto molhado.
Talvez, porém, nenhuma estrela brilhe,
Mas a espera é tudo que resta,

É mágica como a luz que toma de assalto,
Por uma só fresta,
O quarto escuro,
E revela o amante incauto.
Então espero
Enquanto te procuro,
E me confronto com tua ausência,
Fazendo da procura
Uma festa, uma farsa,
uma presença, um encontro.
Dor, latência e cura.
Assim, quando vieres,
Não direi nada,
Apenas isto:
Estou pronto...



Os teus cabelos

Devagarinho,
Eu mexo nos teus cabelos,
Suaves, grisalhos e finos.
Quantos segredos escondem estes fios?
Como adivinhá-los? Como sabê-los?
Eu os acaricio e vejo o reflexo no espelho:
São tão leves e macios
Que neles me esqueço.
São luzes e brasas que tenho em mãos
E não me queimam.
Não me fazem medo.
São flocos de neve que tenho entre meus dedos
E não me congelam.
São carícias de seda,
Que me cobrem o peito nu.
Aos poucos, vejo vales e veredas
E os percorro lentamente, de norte a sul,
Como se explora um novo continente.
Entradas discretas, estradas pequeninas,
redemoinhos...

São tão misteriosos
esses caminhos
Que neles me perco
Enquanto você dorme.
E eu, silente, me sinto,
Assim de repente,

Tão vasto e sozinho.

Sobre o East River

Ponte do Brooklyn:
mil carros
mil metros
mil espectros!

Até Manhattan, um mundo,
um cartão postal,
uma frieza monumental.
Até Manhattan, uma ponte,
Nova York no horizonte.

Um desejo suicida,
uma alegria cinematográfica e homicida.
Até Manhattan, uma vida,
uma curta e breve despedida...

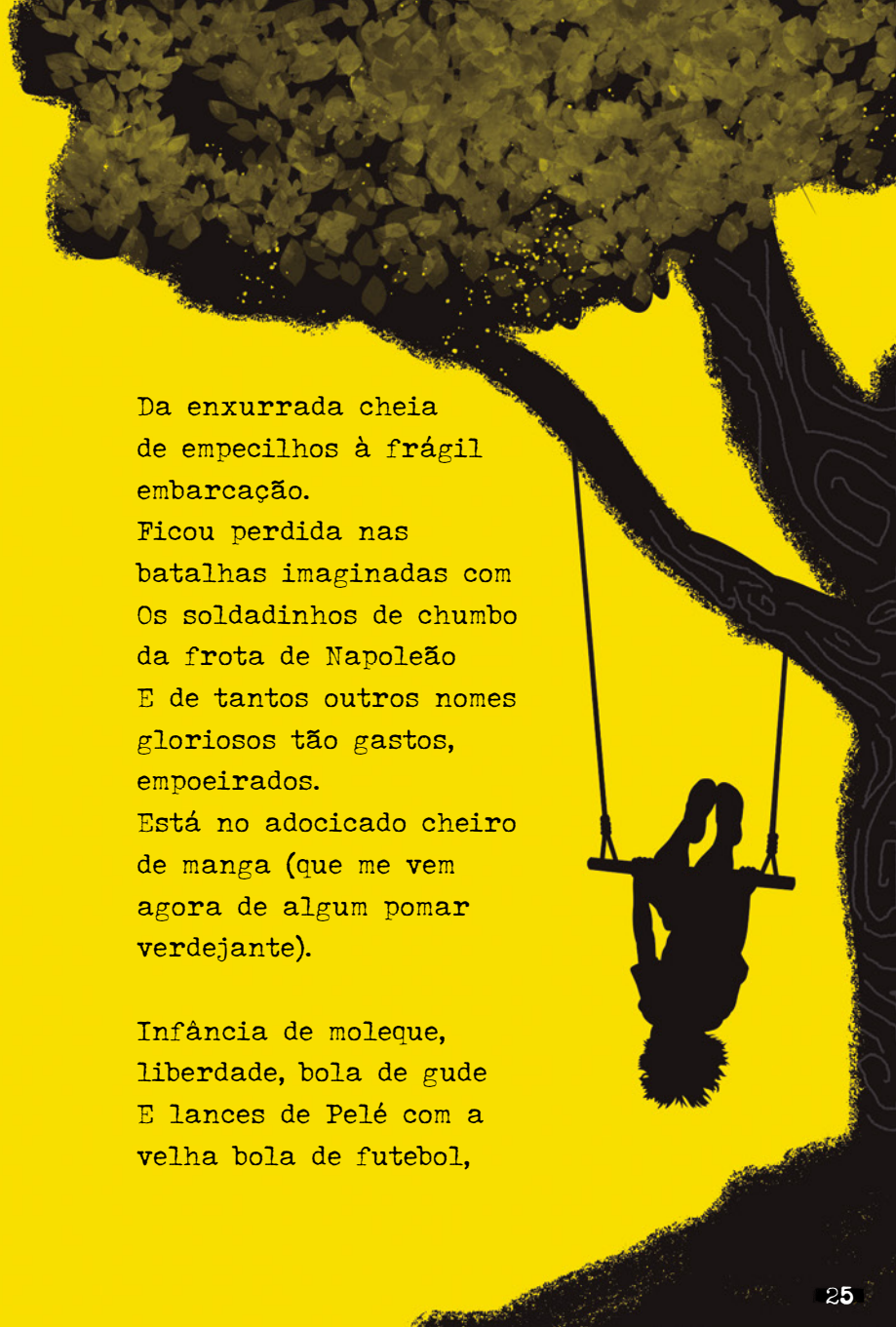
Molecagem

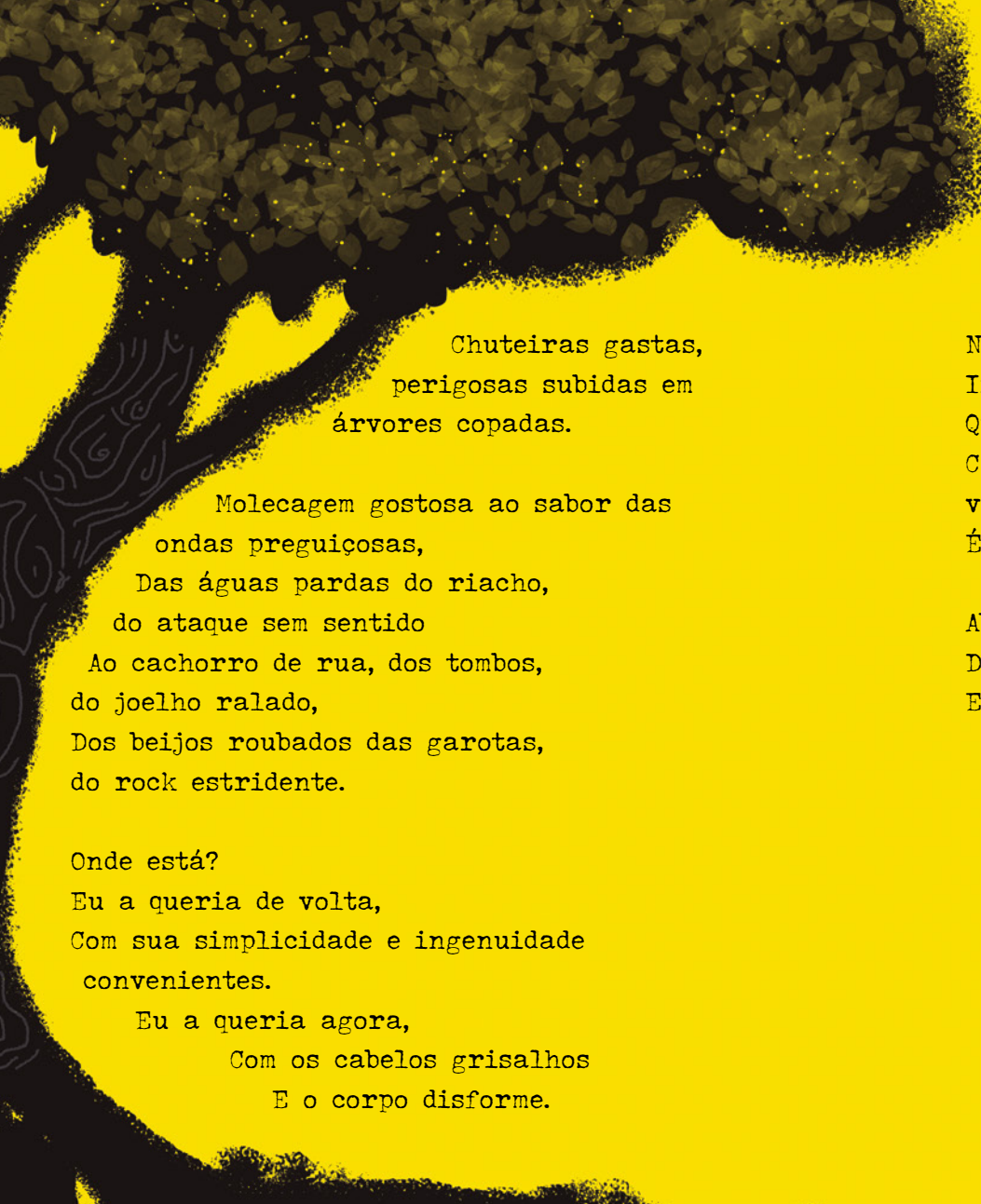
Infância das pipas de papel
Rasgando-se no céu azul, azul quase mar,
Dos passeios descuidados na rua
encharcada e lamacenta,
Das mangas roubadas nas tardes quentes,
Dos barcos de papel,
Das dobraduras de papel,
Dos dragões verdes com suas labaredas de fogo,
Do cinema proibido que jorrava imagens
De corpos de mulheres seminuas em
cenas eróticas,
Dos heróis bandidos e bandidos heróis
E também dos *cowboys*.

Infância, onde estás agora?
Na névoa densa do passado?
Na memória que se esvai e se confunde.
Foi com os barcos de jornal sujo de sangue
da carne do açougue,
Que não iam longe não na correnteza passageira

Da enxurrada cheia
de empecilhos à frágil
embarcação.
Ficou perdida nas
batalhas imaginadas com
Os soldadinhos de chumbo
da frota de Napoleão
E de tantos outros nomes
gloriosos tão gastos,
empoeirados.
Está no adocicado cheiro
de manga (que me vem
agora de algum pomar
verdejante).

Infância de moleque,
liberdade, bola de gude
E lances de Pelé com a
velha bola de futebol,





Chuteiras gastas,
perigosas subidas em
árvores copadas.

Molecagem gostosa ao sabor das
ondas preguiçosas,
Das águas pardas do riacho,
do ataque sem sentido
Ao cachorro de rua, dos tombos,
do joelho ralado,
Dos beijos roubados das garotas,
do rock estridente.

Onde está?
Eu a queria de volta,
Com sua simplicidade e ingenuidade
convenientes.

Eu a queria agora,
Com os cabelos grisalhos
E o corpo disforme.

Nostalgia,
Infância latente em mim.
Que saudoso e feliz quase
Canto, mas o canto é efêmero e ela não
volta, mas cantá-la
É sorrir de novo.

Abençoada infância e molecagem
Dos moleques de rua destemidos
E genuinamente moleques...





.....
Onde estão os que partem
E nunca voltam?
Onde está ela
Que me amou e me traiu?
Onde está a prostituta do beco
Que me ensinou as artes do sexo e da sedução?

.....
.....
.....?

E aqueles meninos que brincavam comigo
Na rua encharcada e espiavam as meninas
Pelas frestas das janelas oxidadas?
Onde estão as crianças das cantigas de roda,
As lavadeiras gordas que amanheciam o dia
Com suas ladainhas e ave-marias?
Onde estão todos?
Ubi sunt?

As luzes [do tempo] estão quase apagadas
A memória está empoeirada e desordenada.

Mas onde estão todos?

.....
.....
Ainda ontem os via gargalhar, cantar,
Chorar as lágrimas de desespero morno,
Correr apressados entre os paralelepípedos
da rua!

O beco parece tão perto: o cheiro da meretriz
É tão real...

Talvez estejam todos dormindo ainda,
Talvez eu esteja sonhando...
Talvez acordem agora,
Talvez eu acorde agora!

Os meninos devem ser homens velhos, tísicos.
A prostituta de mil nomes, minha querida puta,
Deve ter morrido de sífilis.
O beco? Casas burguesas o ocupam.

Estão todos mudados, ausentes, quietos...
Estão silenciosos, ocultos na névoa densa
Dos olhos da velhice.
Ela... nem me lembro mais.
Era bonita?

As luzes do tempo estão sem brilho.

O baile acabou e todos se foram.

Fiquei só!

As ave-marias me vêm como um sussurro

Longínquo e melancólico:

Ave-Maria...

Santa Maria...

Rogai por nós, pecadores, agora

E na hora de nossa sorte final

Amém.

A noite da memória faz tudo

Mais escuro, mais distante, sepulcral.

Rogai por nós — as vozes são angustiadas —

Agora, que é nossa hora fatal

Amém

Estão todos quietos hoje,

Estão quietos para sempre,

Para sempre!

...

Paranaíba

Paranaíba,

nunca te cantei

(vejo agora nos meus velhos arquivos).

É que és tão grande e tão feminina,

e o meu verso é tão pequeno e amargo...

Mas canto-te neste instante breve

e faço-te eterna

com tuas praças de velhas árvores

e florezinhas amarelas,

com teus meninos empinadores de sonhos

e de pipas multicores,

com teus ipês que doiram o céu

em agosto e setembro;

com tuas ruas inesperadas e mágicas!

Canto-te com voz chorosa,

mas de alegria pelas lembranças.

Canto-te com a voz de todas as tuas vozes,

velha Paranaíba, pequena charmosa!

Canção a Paranaíba

Minha cidade não é grande,
mas também não é pequena.
Não tem muitos prédios,
mas também não é Vila dos Remédios.

Minha cidade é minha íntima arena,
onde estão minhas memórias,
meus sonhos e meus amigos!
É a terra fresca em que minha mãe,
como ela mesma se lembra,
há idos anos enterrou meu umbigo:
recordações tão vivas, tão plenas!

Minha cidade é meu ser e meu Cosmos,
perfumada com o aroma
das resinas mais adocicadas.

É um recanto mágico
como a sombra
dos velhos pés de jabuticaba,
sob os quais, na infância, eu tanto brincava;
um lugar aonde se chega e se quer ficar,
ou logo voltar!

Minha cidade é Paranaíba,
pequena flor entre os arbustos do cerrado,
e tão bela, tão feminina, tão forte:
já não é mais menina!
Vejo-te, porém, renovar a cada dia:
como tens mudado!
Ah! Cidade amiga!
Que mais poderia eu dizer sobre ti?
senão que és toda
o cenário mais encantado da minha vida?!

...

Nordeste

Nordeste!

A terra do teu sertão é um infinito seco e agreste,
Mas para lidar com ela teu povo é mestre.

Nordeste das histórias
que meu tio contava só à noite
[para eu não ver suas lágrimas...]

Ah! Nordeste

Da língua vibrante do pai que me deste,
Da roupa de couro encantado
que só teus heróis vestem.

Nordeste que está inteiro dentro de mim,
no meu sangue,
Com a Caatinga, a mata, o mangue.
Haverá alguém que te conhecendo te não ame?

Nordeste... um dia hei de te ver bem de perto,
Com a tua fraqueza forte
Na luta desesperada contra a morte.
Um dia hei de deixar o sul e seguir pro norte!

Ah! Nordeste,
Quem me dera a sorte
De ser tão agreste como tu...



Silêncio

Eu canto os becos,
Os libertos e os libertinos,
Os que não têm medo de gritar
Nem de silenciar quando querem.
Canto os bêbados que fogem da vida
Para encontrá-la
e para vivê-la mais intensamente.
Canto as estrelas sem brilho,
As prostitutas velhas e esquecidas
(só eu não as esqueço?).
Canto a alegria amarga dos subúrbios,
Canto a vida fugaz,
As paixões a que me neguei...
Canto a morte próxima,
Que, voraz, há de me calar para sempre
E fazer de mim um grande silêncio.
Silêncio...

Eu quero morrer hoje

Cinco horas...
Cai a tarde pálida e morna
Com seu véu de poeira e saudade.
Alguns operários passam exaustos,
Cantarolando baixinho tristezas mal lembradas
Ou a beleza de terras longes,
muito longes e defuntas.

Crianças deixam os jardins das casas,
Que ficam desabitados como cemitérios
abandonados — até amanhã.
As aves dão seu último concerto,
Que a esta hora de melancolia e cansaço,
É um gemido pungente
de quando se mexe em ferida malsã.

Agonias de fim de dia,
Desmaio que precede a alegria noturna.
Mais operários na rua... lavadeiras...
empregados públicos...
Todos se recolhem, voltam para os seus lares,
seus cômodos e quintais.

Eu não! Não quero retornar.
Retornar é confessar que fui,
que vivi um dia a mais
E eu não queria ter ido nem vivido.

Fico aqui,
Enterrando o dia e velando a noite em gestação,
Que já (con)funde
os rostos dos operários tardios
E esconde as marcas de bexiga
das primeiras prostitutas
Que saem para os becos e para o cais.
Aqui me deixo ficar, não saio mais.

Talvez a morte venha nesta noite
E eu ainda morra hoje.
Eu quero morrer hoje!
Vendo as prostitutas magras
E ouvindo o mar distante
Como um choro abafado,
Pela última vez, como um último fado...

Vendo o beijo dos namorados
Que ali passam sem me notar,

Sentindo frio e abandono,
Como o cão de quem se livrou o antigo dono,
Cegando os olhos com os lampiões elétricos,
Eu quero me findar aqui, neste instante tétrico.

*Eu quero
morrer
hoje!*



Infância

Infância no interior:
O abacateiro frondoso
Do terreno baldio
Onde a meninada subíamos
Para apanhar abacates
E atirar pedras aos velhos.
Sabor de liberdade.
O verde da copa a nos inundar
E a nos abraçar num abraço verde,
Quente e fragrante...
Ah! Saudades do meu abacateiro,
Soberano naquele terreiro!

Café

Cheiro bom de café,
Não do café de agora;
Do café de outros tempos,
Preto e forte, como a negra Chica.

Outros tempos!
Mamãe cosendo sonhos no bordado,
Esperando vir o café
Nas mãos ásperas de Chica.
Papai cosendo a morte na senzala
Ou colhendo vidas negras cor de café
Na imensa lavoura.

Eu cosendo fantasias,
Retalhos de um mundo encantado
Onde os negros eram meus irmãos
E os pés de café, heróis invencíveis.

Hoje o café é outro.
Hoje estou velho e cego,
E o cafezal abandonado.
Hoje não coso nada...



Velocidade

Velocidade

Velocidade

Engrenagens

se tocando, se encaixando e se gastando.

Ruídos ríspidos, estalidos e estampidos.

Faíscas, fadigas. Fios.

Nuvens negras de fumaça.

Máquinas lambuzadas de graxa.

Mais rápido

Mais rápido

Mais rápido!

.....
Forno com mais fogo

Suor escorrendo em todo o corpo.

Mercadorias para o porto

E para embalar a morte.

Vapores quentes e vozes dormentes.

.....

.....

.....

.....

Velocidade

Velocidade

Velocidade

Exaustão. Espasmos elétricos.

Pecas gastas. Mecanismos sem manutenção:

Blackout das luzes e do coração

(

)

Operário para:

Perdido o páreo e o salário.

Mais rápido! Mais rápido! Mais rápido!

O progresso precisa de mais caixas e caixões

Para continuar, incessante,

a fábrica de maldições.

Apelo às imobiliárias

Vou comprar um apartamento
No último andar,

Bem em frente ao mar.

Assim acordarei todas as manhãs
com o murmúrio das ondas

e dormirei embalado por elas.

Mas, se outra vez me estrangular o peito

Aquela terrível angústia,

e nem mesmo uma prostituta der jeito,

E eu me sentir só,

Insuportavelmente só,

Não esperarei

mais nada:

Me

Atirarei

Da janela

Do último

Andar

Vendo pela última vez

O tapete azul do mar

Ai, imobiliárias! Não me vendam nunca

O último andar...



A escrita

Fios finos e frágeis
De palavras quase táteis

Fios de ideias de mente louca
Tecendo texto

TTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTT
EEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEE
CCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCC
EEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEE
NNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNN
DDDDDDDDDDDDDDDDDDDDDDDDDD
OOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOO

Tecido abstrato;
Cerebral.
Matéria imaterial
Em fios de trama.

TTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTT
TTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTE
TTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTEX
TTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTEXT
TTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTEXTU
TTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTEXTUA
TTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTEXTUAL
TEXTUAL.

Terreno baldio

Terreno baldio,
que pertencias a ninguém e a todos,
Que fizeram contigo?
Um crime, um crime perverso!
Queimaram tuas flores selvagens,
Arrancaram sem piedade o abacateiro
germinado de uma semente em ti abandonada,
de que tanto te orgulhavas.
Cercaram-te com muro
para proibir a alegria das crianças
e o repouso dos bêbados.

Agora, ao abrir a janela,
Eu nem te reconheço mais:
Confundo-te com outros terrenos.
E a saudade do que eras antes
Logo vem me apertar o peito e me fazer chorar.
Aí eu fecho os olhos e em alguns instantes
Voltas a ser outra vez
A minha paisagem vadia e irregular,
O jardim de flores agrestes.
E todo o teu encanto renasce em mim,
Que sempre te admirei em tua rebeldia pacata.
Saudoso terreno baldio, eu cá sinto a tua falta!

Impressões

Crianças vasculham o motor
De um fusca decrépito,
Descobrindo um mundo de engrenagens mecânicas
Que nunca sonharam existir.
Uma, então, sorri,
Fascinada com a beleza
metálica, gélida e gasolinificada.
Sorriso eterno de infância
Num instante breve que só eu vi,
Enquanto toda a gente, distraída,
Passava por ali.



A espera do fim

Espero o sol
Com sua luz morna no inverno.

Espero o vento frio
Com seus pungentes lamentos
A fustigar, violento,
A minha pele enrugada.

Espero a palidez dos cadáveres,
Os beijos gélidos de mulher morta, nunca amada.

Espero a ressaca das horas,
O golpe final do espadachim.

Espero
E isso é murchar em vida,
É sangrar a própria carne.

Espero o inesperável,
A clausura dos velhos senis,
A badalada de um sino longínquo,
Ecoando pelos campos e covis.

Espero, resignado,
A morte inadiável.
A morte, que golpeia todas as esperas
E desperta todos os vermes da terra.

Espero a escuridão definitiva e silenciosa.
E essa espera é toda a vida que me resta,
mas isso já é morte, é despedida de fim de festa.



Saudade

Saudade...

Nau solitária

Que navega pelos mares d'alma.

Veloz, sangra o peito — oceano infinito...

Naufraga, por fim, nas próprias lágrimas,

Vagas, transparentes e cálidas,

que rompem a calma,

Prenunciam o inevitável grito:

Ondas trágicas de cristal líquido!

Saudade...

Dor de quem ama sem sossego,

À espera de suave aconchego e carícia insana.

Nau à deriva que, incerta,

Nas águas turbulentas mal se equilibra.

Mar bravio, tempestade e drama;

Carga bruta de estiva

que pesa, afunda e quase mata:

Marola, vaga, ressaca!

Saudade...

Nausatlântica que singra mares de sangue,

Viagem sem fim,

Com náusea — cheiro ruim de mangue.

Saudade é desespero que assola.

Perdido na vastidão incompreensível do mar,

é o triste marinheiro que chora.

Castigo ao qual não se resiste:

onda maligna que, furiosa, fere a praia

e não se cansa,

nunca para, nem desiste.

Saudade...

Silêncio ácido,

corrói devagar os rochedos da baía.

Sal na solidão infinita de Gaia,

tristeza de quem se foi um dia

levando consigo só um punhado de areia da praia.

Saudade...

Um soluço, um grito, um gemido discreto de "Ai!"

que as ondam levam

e ninguém sabe para onde vai...



Naufrágio

Mar de ondas vagas,
Rubras, rugosas e salgadas.
Que espectro escondes em tuas águas?
Nada, senão vozes náufragas,
Vagas vozes,
Abafadas, com a vida a se lhes extinguir.

Mar de ondulações sussurrantes.
Ondas em um tristonho monólogo: "Adeus".
E que se vão diminuindo, diminuindo, diminuindo,
Expirando em soluço final.
Ondas com sabor de sal,
refletindo o azul triste do céu.

Lágrimas em ondas de leve melancolia.
Vagos corpos emergindo, emergindo, emergindo, emergindo
Nas águas do quieto mar.
Silêncio. Nada

Mais.....
Somente a quietude agitada do mar.

Ausência

Ausência.

A chuva fina, irritante no telhado.

Imagens gastas, empoeiradas, vetustas.

Aroma de chá inglês,

A paisagem nebulosa e úmida

Além da vidraça.

Vapores de uma locomotiva negra que

Não se condensam: não há tempo,

Caem pesados com a chuva.

Estátuas lacrimosas em jardins burgueses,

Azáleas fenecendo com o passar lento

E calmo de minutos invisíveis, imateriais e molhados.

Minutos impalpáveis, transcendentais...

Uma gota d'água gélida em minha cútis...

Só o vago e misterioso silêncio das tardes chuvosas.

Rosas tombadas ante o flagelo líquido.

Nuvens cinzas. Melancolia. Alma cinza...

Sinto o beijo cálido em meus lábios,

Beijo guardado em minha memória doentia.

"Meu rosto é o traço da amargura."

Passos lá fora: alguém que passa

Tentando furtar-se da água celestial

Com um decrepito guarda-chuva.

Nostalgia... Tédio!

Onde está você?

Onde está o seu rútilo sorriso?

Luz baça; ruídos indistintos e lúgubres.

Lodo! Lama escorregadia.

"Não vem?"

Verto lágrimas de sangue, rubras.

Ecos de meus passos angustiados pelo aposento.

Instantes de desespero, espera escusada.

A pequena coluna de fumaça da chávena

Se dissolve na atmosfera claustrofóbica.

Dos telhados, filetes de água escorrem lânguidos.

As primeiras caras saem às ruas

Encharcadas.

Barro. Enxurrada violenta.

A espera dilacera meu coração,

Um arco-íris desbotado além...

Ouço ranger os gonzos do portão oxidado.

Não é você. Não vem. Eu sei...

Uma lágrima cinza, um grito abafado,
Contido.
Não vem.
O chá está frio,
A locomotiva passa outra vez,
A chuva cessa.
Monotonia. Tudo recomeça em ausência:

A espera, a angústia, a solidão.

2 de novembro

Hoje é Finados,
Mas vou ficar em casa
Pensando na velhice que prepara a minha cova.
Não tenho mortos para visitar
Ou talvez não me lembre de tê-los.
Também não gosto de cemitérios:
Eles celebram a morte, o inanimado,
o fim desde sempre anunciado.
Vou caminhar pela orla,
Aspirar o perfume do mar.
Assim, afasto um medo vago e impreciso
Que começa a me angustiar e a me inquietar.
Vou celebrar essa vida,
A pouca vida de velho que me resta:
Aos mortos, não darei o meu tempo em sua festa.

Parto poético

Barriga inchada de mulher grávida:
Gravidez de palavras furiosas e ávidas.
Dores voluptuosas de um parto poético
de signos, de sons, de rima e texto
(mas sem qualquer rigor métrico):
Pari um poema.

Quem é o poeta?

O poeta é do povo,
O poeta é da praça,
É da gente que passa.
O poeta é um profeta:
Anunciador do novo,
Não se pertence.
Ele vence a si próprio
Para encontrar os outros,
Para medir o quilate da vida,
Para escancarar toda a tristeza escondida,
Para celebrar encantos suicidas.

O poeta é do povo.
O poeta é da praça,
É qualquer um que não vê na poesia uma ameaça.
O poeta é um louco.
É quem, mesmo quando lhe põem uma vil mordança,
Não teme gritar.
É quem se faz entender
Só com um pouco de palavras
Que joga esperançoso ao ar.

O poeta é lava de vulcão;
É explosão d'alma.
O poeta é do povo.
O poeta é da praça.
É qualquer um que passa!

Meio-dia

Meio-dia:
O sol delira de calor;
Aves caem do céu como frutos podres
e desidratados.
As pedras faíscam,
As coisas todas se desintegram,
Cansadas e exaustas.
A terra se abre em fendas;
Cadelas magras e exangues
Vomitam suas línguas
Para fora da boca suja.
Vento quente,
Natureza em chamas invisíveis,
Sentidas apenas.
Escassez de água e vida:
Abundância daninha de calor e aridez.
É meio-dia e o sol provoca alucinações.
E o sol também delira, descuidado, em seu calor:
É meio-dia!

Relógios

Passam as horas
Calmas e doentias.
Horas inúteis, vagarosas e pálidas.
Demora silenciosa de ponteiros metálicos.
Sequência ritmada,
Aproximação da sombra da morte
A cada instante de dor.
Monotonia. Angústia dos relógios.
Expectativa
Das tardes esfumaçadas e calorosas.
O pêndulo a hipnotizar as consciências
Com sua presença insistente e indesejada.
As horas celebram a morte, a velhice, as rugas.
Badaladas nostálgicas e maliciosas a quebrar
O silêncio aveludado das almas tranquilas.
Os relógios são o símbolo do Fim,
Da impotência humana,
Da divisão metódica do dia.
Inconsciência das horas... Fim dos relógios,
Das badaladas melancólicas.
Começo da vida, liberdade original do Homem!
Horas novas, perfumadas, esverdeadas:
Liberdade das pombas ruflando descuidadas
As asas recortadas ao azul infinito, imenso,
Imortal do Céu.

Horas de vida, de nascimento —
Rosas desabrochando.
Transparência luzidia das águas,
Repouso,
Movimento das marés...
Horas do eterno e preciso Relógio,
O relógio da Vida,
Que não para,



Nem por um instante sequer...

A bailarina

Ondas douradas agitando-se
em suaves movimentos;
mãos brancas e frágeis
em coreografias sutis.
Luzes. O leve roçar do vestido
cor de pérola pelo tablado.
Lantejoulas. Laços escarlates.
Sorriso nos lábios rosados.
Violinos... A música ecoa melancólica.
Passos de um excêntrico balé.
A bailarina, incansável em sua arte,
rodopia, rodopia, rodopia.
Vozes de delírio...
Passos rápidos, agitados, frenéticos.
O corpo rodopia velozmente
e é como se, por um instante, desaparecesse:
estranho disco que desliza pelo salão.
Corpo disforme.
Champanha! *Froufrou* de veludos,
casacas e saias.
Cartolas pairam no ar para cair em seguida.

Embriaguez. Melodia apressada,
ritmo veloz. Frenesi. O eco de um disparo!

*

Silêncio dos cemitérios.
Sangue no vestido cor de pérola.
A bailarina rodopia, rodopia, rodopia
desgovernada.
Rodopia pela última vez,
para o baile da morte.
Mãos inertes. Olhos sem brilho.
O rubro se sobrepõe ao dourado.
Baque ensurdecador no tablado.
Laços que se desatam;
Vinho... vinho rubro e sanguíneo.
O cortinado vermelho-vivo,
bocas emudecidas,
passos interrompidos.
Brisa gélida.

Angústia, pavor.
Pés que não dançam mais,
melodia fúnebre.

A bailarina é uma massa escarlate —
indistinta, inumana —
E rodopia, rodopia etérea noutro baile.
Rosas cinzas ao alto,
flores sinistras.
Luzes bruxuleantes. Máscaras.
Noutro lugar ela ainda rodopia,
rodopia e rodopia,
entontecida e diáfana,
enquanto um líquido vermelho
desprende-se de seu corpo.
O tablado é um enorme esquife.
Ranger de dentes. Loucura. Choro. Febre.

Lá fora, alguém grita: "Maldito patife!"

As palavras e o poeta

As palavras me assediam,
Me assaltam assim de repente:
São como brisa sorrateira e silente.
Invadem meus ouvidos,
Dominam meus pensamentos de atropelo.
São tão frágeis e finas como cacos de vidro,
Mas me açoitam com seus gritos,
Me queimam como fogo e gelo.
São como vento forte,
São gemidos de dor, são ânsias da morte.
São facas afiadas que, impiedosas,
Me sangram com seu corte.
E eu, indefeso,
Deixo-me sangrar, abandono-me à sua sorte:
Ao poeta, não é possível escapar ileso!

As palavras me povoam e me estupram,
São como feras no cio,
São tão frágeis
Como flocos de algodão macio.
Nelas cabem tudo,
Na entonação de um instante breve
Me trazem o mundo,
Me afagam de leve,
São encantos de fada.
Mas também são vazias,
Nelas não cabe quase nada,
São foices afiadas,
Me sangram, me singram, me sugam.
Estão molhadas de saliva no nosso beijo,
Estão sussurradas
No nosso desejo.
Palavras
Me percorrem vorazes,
São rios de lava,
Fugazes, perdem-se num segundo.
Não duram sequer o tempo de seu nome:

Mal o pronuncio,
O som se esvai e some.
Palavra, quem és tu?
Que me fere tão profundo,
Me faz ora pleno, ora vazio,
Ora rei, ora vagabundo?
Esculpida no corpo, na pele
Nada há que não esconda ou revele.
Palavras:
São feixes de luz,
Lugares de sombra,
Desassossego e paz!
São lodo escorregadio.
Ai, palavras!
Tão vivas e certeiras
Que parecem o curso de um rio.
Não se pode voltar atrás!
Palavra, palavra, palavra:
Tu me causas o melhor arrepio...

Manhã de sol e chuva

Sol precoce.

Manhã antecipada.

Horas bocejam preguiçosas: ressaca.

Passos tardios, frenéticos e atrasados.

Rumores contidos de manhã precoce e silenciosa.

Pombas angustiadas e lacrimosas

Esvoaçam indistintas e brumosas.

... Uma ...
... ... Outra!

Aquela que descortinava o nascente

Aonde foi? ... ?

Gotas de chuva poética.

Manhã interrompida. Cafés lotados.

O seu olhar me persegue e me assassina.

Duas pombas com nuances rápidas

De cinza e negro

Escondem-se na catedral

Fria e marmórea.

As companheiras se enfileiram

Em fios de telégrafo obsoleto.

Quedas de anjos-pombas.

Onde está você?

Os pássaros ecoam tristonhos.

É morno seu hálito de manhã precoce.

... ... ???

O café exala seu aroma irritante.

Ainda (não) acordei.

Constelações de novas pombas pardas,
douradas,

Azuis, cor de bronze,

Cor de missa em dia chuvoso;

Ma(i)s muitas cinzas.

O vento é úmido e sopra ao acaso.

Tudo é esfumaçado,
incorpóreo e antirrealista.

Pela vidraça encharcada passa um anjo.

Pelas nuvens molhadas, meu tédio.

Imagens sobrepostas, contrapostas
de manhã precoce.

Sol — há sol? — tardio ...

As pombas multicolorem o céu negro,
Negro como

Suas penas molhadas.

Não há nenhuma delas branca.

Seguem a enxurrada barrenta

As pombas urbanas
para um caminho que não se sabe.
Liberdade das coisas inumanas!
Até que a manhã recomeça seu perfeito cotidiano
Tardio.
Estática e frígida, a catedral escura
Espia com arrogância secular a massa humana.
Seus sinos ecoam do passado,
Mas ninguém os ouve.
A música medieval confunde-se
Com os ruídos urbanos e vadios.
Dissolve-se e evapora
com as últimas gotas da chuva matinal.
O som que fica é só um assovio,
Anunciando mais um dia
em sua performance habitual.

Viver

Viver é sentir o vento,
O choro nostálgico da viola
Que um velho toca com dedos enrugados
E, lembrando de sua terra, ainda chora;
É o concerto barulhento dos subúrbios;
A beleza silenciosa e humilde das
flores orvalhadas;
É sentir o balouçar do capim ao vento,
O barulho do mar azul-verde,
Brincar com os caramujos lerdos,
Ou com o cão que, sonolento,
Descansa no tapete.
Isso é vida:
Ínfima, pequena,
Serena e latente;
Ou grandiosa
E potente,
Mas sempre vida,
Em suas múltiplas cenas,
Em suas tantas arenas.

Epifania

Borboletas brincam descuidadas
No céu azul
De claridade morna.
Confundem-se, fundem-se
Em matizes
De cores delicadas e sutis.
Beijam flores com alegrias febris.
Beijam a alma da existência
Matinal e perfumada.
Esvoaçam, depois, à brisa suave,
Cintilam à transparência luminosa,
Ocultam-se em arbustos e outras flores
Para se revelarem novamente: ainda mais graciosas!

Nuvem de borboletas — beleza silenciosa
De cores e movimentos.
Seres que transcendem, seres de luz.
Beijam meu espírito,
Umedecem minha mente:
Um doce frescor de juventude me seduz.
Integram-me ao panorama da imaterialidade,

Sussurram sensações de deleite.
Eu me rendo: voo com elas.
Buscando as azáleas da nova Primavera,
Rompo o casulo, o tédio, a razão discreta.
Esqueço-me. Sou o Todo,
a celebração da vida incerta.
Sou simplesmente uma borboleta
E, nessa inconsciência,
Sou paz, luz, energia.
Sou o Momento. Sou Tudo.
Sou Liberdade desperta:
Epifania.

epifania

O poeta pobre

Gosto de ser um escritor pobre,
Assim posso sentir o cansaço
Do operário que retorna a casa
Depois da longa jornada
Sob o sol feito brasa.
Posso ver o menino que brinca
Em um automóvel abandonado
E ali descobre um mundo encantado.
Posso perceber a mulher frágil e delicada
Por trás da maquilagem de prostituta do beco.
Posso sentir a fome
de quem precisa engolir em seco...

Posso contemplar
a beleza dos jardins irregulares
Das casinhas suburbanas,
Acalentar com os olhos a mulher
Atarantada com o serviço doméstico
E com o choro dos filhos famintos.
Posso visitar bocas de fumo,
Posso ser o que eu quiser.

Sorrir alto e dizer o que sinto.
Chorar, andar pelas ruas sem rumo,
Perder-me e achar-me no grande labirinto
Dos desesperos íntimos
E dos encantos ínfimos!

Assim, tão pobre,
Posso ver as pequenas coisas belas
e que a pressa encobre:
O desabrochar das flores rústicas,
O nascimento da mariposa
Que, mal nasce, já se finda,
O sol manchando de vermelho o poente,
O reflexo triste da morte no espelho.
Posso sentir a mesma agonia dos velhos doentes,
A esperança morna daqueles que sonham ainda...

Por isso, gosto de ser um escritor pobre!
Assim vejo além de mim:
Vejo a vida que se vinga e brinda sem razão,
Alheia aos planos que os homens tecem.

Experimento sensações,
percebo olhares dos quais se desviam
Os puros de coração.
Gosto de ser um escritor pobre,
Assim sou rico, ricamente pobre.
E é, então, que descubro,
espantado e rubro,
o que é ser nobre.

Perto do fim

Quando chegar a minha velhice,
Pálida e murcha,
Que farei?
Que farei ao perceber
Que cada dia
É um adeus menos demorado?

Chorarei o meu desespero íntimo
Todo fim de tarde,
Quando olhar
as rosas do meu jardim abandonado,
Pensando na fugacidade da vida e da beleza.
Mas me alegrarei, como criança traquinas,
Todas as manhãs,
Lembrando-me de que as rosas
São sempre mais belas e vistosas
Perto do seu fim.

Assim me revoltarei e me consolarei
Enquanto espero a última manhã
Ou a última noite.

Mas será melhor morrer de manhã
Porque irei mais feliz, orvalhado,
E minha derradeira visão
recompensará as dores vividas,
Pois verei, dos canteiros esquecidos
e por entre as ervas floridas,
as rosas mais belas e vistosas.
Belas e vistosas para sempre!

Poesia

Poesia:
Rio que corre
E percorre
Dentro do poeta
De alma repleta
De fantasia
Ou simplesmente
De alma quieta e vazia.

Espuma branca,
Som do rio que canta
Em cascatas:
Melodia suave.
Fluxos de água fria:
Deixe que te leve e lave.

Poesia:
É a essência
Guardada e escondida
No poema estranho
Chamado Vida.

Nos seus braços

Meu amor,
Hoje eu quero dormir nos seus braços.
Quero esquecer os meus fracassos.
Quero te beijar outra vez
E outra vez,
Até que a gente nem saiba mais
O que é que se fez...

Eu quero dormir nos seus braços
Para que se vá todo o meu cansaço
E eu te ame com a liberdade de um poeta devasso,
Com a precisão das setas de Cupido,
Com os pecados repetidos de Adão e Eva
No paraíso perdido,
Aonde só você me leva.

Eu quero dormir nos seus braços
Para nunca me esquecer dos seus belos traços
E fechar os olhos sentindo seu corpo
Acariciando o meu.
Quero te beijar outra vez
E outra vez
Até que a gente nem saiba mais
O que é que se fez!

Lembrança

A casa provinciana da infância:
Janelas e portas escancaradas.

O insone

Madrugada. Insônia.
Ranger de uma janela esquecida
aberta.
O coro das lavadeiras,
que vão para o riacho cantando ao menino Jesus
suas ladainhas costumeiras,
carregando na cabeça suas pesadas trouxas.
O trote do cavalo no calçamento de pedra batida:
Primeiros acordes da manhã ainda frouxa
E úmida de sereno.
Logo nasce o dia pleno.

Brincadeira das palavras

Eia, eia!
Mingau de aveia.
Eia, eia!
Encantos de sereia.
Eia, eia,
Castelo de areia.
Eia, eia!
Gorda baleia.
Eia, eia!
Aranha na teia.
Eia, eia!
(Isso não é um poema,
Mas uma brincadeira de palavras.
Continue daqui com um tema)
Eia, eia!
Bola de meia.
Eia, eia!
Não me leia.

Trava-poema

A teia de aranha
É tecida pela aranha,
Que se arranha e se arrasta
Na parede arranhenta.

Tece um fio
Enquanto venta um vento frio.

A aranha se arranha:
Sobe e desce
Em sua programação paciente de espécie.
E tece.

Apanha um fio solto,
Que já fugia sorrateiro,
E remenda sua teia
O dia inteiro.

O fio é tão frágil e fino,
Mas não se arrebenta,
Nem se arranha,
Tanto é ágil a aranha
Que, resignada em seu destino,
Apenas tece sua teia.

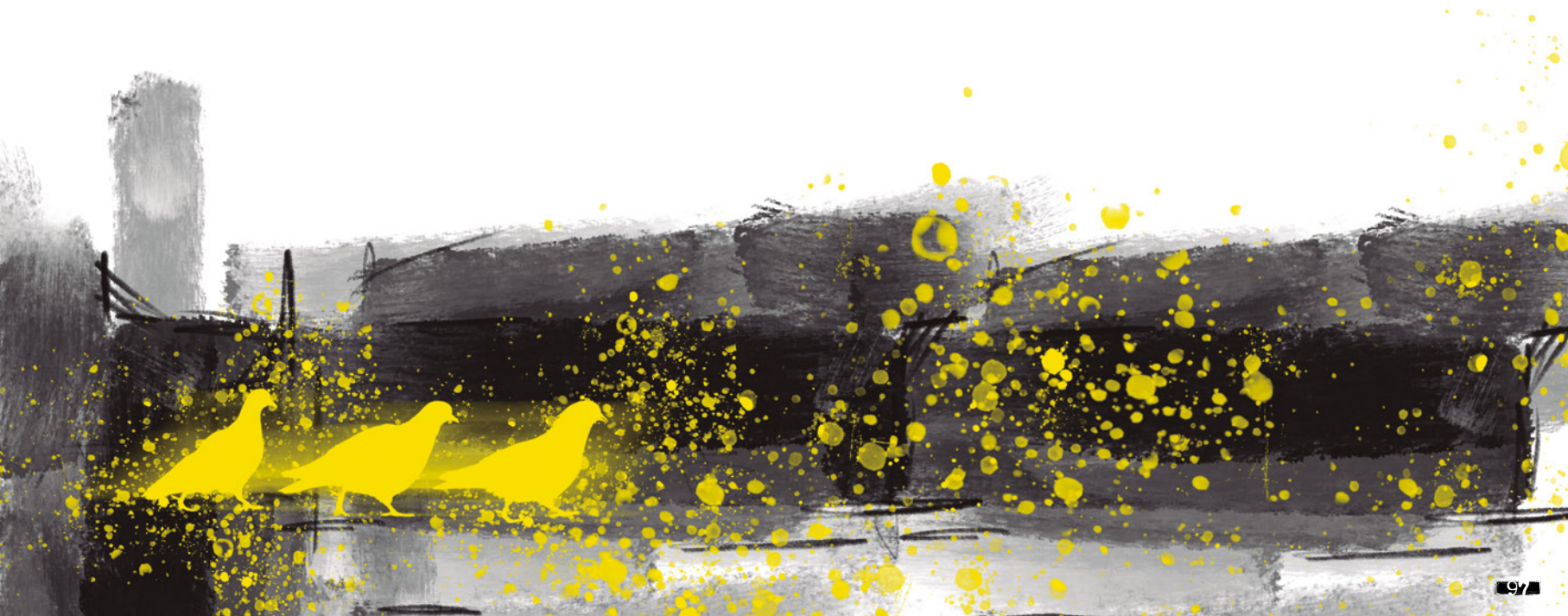
Cochilo

Velhos cochilavam preguiçosos
Em cadeiras de praia
Postas em amplas varandas.
Cochilam ainda.
Cochilarão para sempre
Em minha memória.

Trava-poema

Pombos da Praça

Eu atiro migalhas aos pombos
que passeiam pelo chão.
Come-as um homem
Que há muito não sabe se é
Pessoa ou cão.
Revoada de pombos
Na Praça da Sé.



Pedido aos poetas

Ei! Poetas de rua,
Arranquem a poesia da gaveta,
Joguem fora as musas e as muletas,
Deixem-na toda nua, clara e imperfeita.

Ei! Poetas de rua,
O público espera, se aglomera.
Falem a verdade crua das palavras,
Esqueçam o amor e suas quimeras!

Ei! Poetas de rua,
As luzes da praça estão acesas.
Comecem o espetáculo:
Cantem as dores, as alegrias e as tristezas.

Ei! Poetas de sarjeta,
Poetas de rua,
Arranquem a poesia da gaveta.
A palavra é, agora, toda sua.

Talvez amanhã

Hoje estou triste,
Tão triste que nem consigo dormir.
Triste com a vida que me passa tão rápida,
E com minha fraqueza
diante do caos do mundo.
Mas amanhã...

Amanhã tudo poderá ser novidade outra vez
E quem sabe eu acorde alegre,
Depois de um sono profundo,
Com o concerto ruidoso dos automóveis
E talvez nem me lembre dessa angústia,
Talvez encontre tempo para ir ao mar
e gargalhar com ele,
Talvez consiga sonhar
Enquanto entoo canções há muito esquecidas.
Hoje não!
Hoje estou muito triste,
Com aquela tristeza pesada
Dos dias de chuva ininterrupta.
Mas amanhã... Ah! Tudo será refeito
E talvez eu acorde feliz.
Hoje não! Amanhã...

Terno de casimira

Preciso ir a uma festa!

Mas há que ir trajando um terno de casimira

E eu não tenho terno de casimira

Nem de algodão, nem de chita, nem de nada!

— Não vou então?

— Vai, vai sim — me grita um amigo por telefone.

— Mas, ah, meu Deus!

Há que ir de terno de casimira...

E eu não tenho!

— Não vou,

Sem o terno, não vou. Vou?!

.....

.....

.....

.....Ah!.....

.....Não fui!

Ah, terno de casimira,

Se eu te possuísse, teria ido.

Mais que isso: tu me darias um valor imenso,

Muito mais do que valho.

Mas não te tive, nem te tenho,

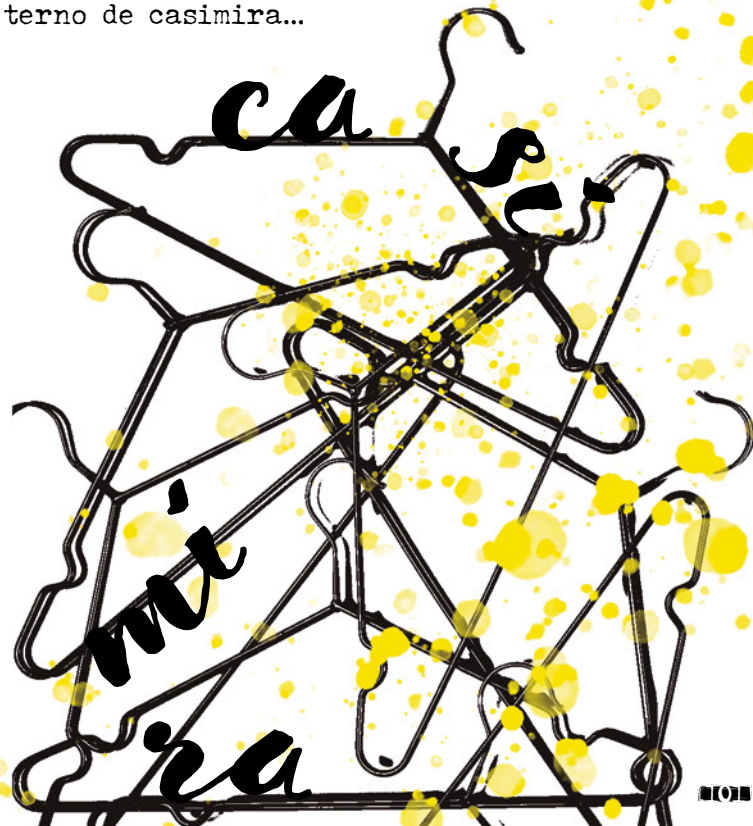
E tua ausência no meu modesto baú de roupas

Retira-me valor,

Faz-me bem menos valioso que um retalho teu.

Como és pretensioso,

terno de casimira...



Almas adormecidas

Pombas nostálgicas e cinzentas
Amanhecem no dia morno
Sobre fios oxidados de telégrafo:
Telegrafam para o sol que boceja,
Para a multidão circumspecta
Que trafega pétrea, gélida de morte.

Telegrafam para as almas em pranto,
Para os corações dilacerados.
E são apenas pombas.
Telegrafam, avisando a beleza da manhã,
Que ninguém vê,
A claridade majestosa do sol,
O despertar azulado e laranja
Da nova manhã.
E ninguém nota as pombas.
Passam damas à *belle époque*,
Cavalheiros à Lorde Byron,
Gentlemen,
Homens apenas,
Mulheres apenas.

E as pombas não são percebidas.
Ausência de olhos: almas adormecidas.
Só um infante as nota,
As contempla, as visita em pensamento.
Um músico violonista também.
Uma doce melodia ecoa pela manhã rápida
E tudo é transcendental, sublime. É a manhã
do espírito,
A verdadeira manhã!

Lavadeira

Num dia desses,
acordei cedo,
bem cedo,
com o cantar triste e forte
de uma velha lavadeira.
Ia na direção do riacho,
em seu caminho rotineiro.
Ia sem pressa e sem rancor.
Só cantava, cumprindo, por inteiro,
seu humilde ofício de lavadeira,
sem se importar com a dor
de suas antigas frieiras...
Cantava, rompendo as pedras da estrada,
desabrochando as flores,
de longe avisando sua chegada
às pequenas cascatas...

Sublime ofício de lavadeira!
Naquela manhã fria,
tu lavastes meu dia,
lavastes as minhas dores
ao levar consigo minha sujeira.
Encheste-me de inesperada alegria!
Bem-aventurada és tu, humilde lavadeira,
Porque lavas com música teu sofrimento,
teu verso e tua canção nos servem de unguento!

Bem-aventurada és tu, humilde lavadeira,
porque sem saber lavaste também minh'alma!
Bem-aventurada és tu, lavadeira,
porque levas a vida como lavas:
com melodia e calma!

Pombais da morte

Uma pomba melancólica
Grita,
Jorra sangue da fonte
Onde ela,
Incerta,
Havia pousado.
Tristeza de cérebro diminuto
De pomba parda.
Pombas, outras negras
E matizadas de cores confusas,
Bebem ávidas o líquido rubro
Bebem... bebem,
Explodem, então, e jorram
Sangue.

A pomba lembra nostálgica,
Em preto e branco,
A velha catedral:
Hemorragia nos pombais.
Despencam deles aves,
Como frutos apodrecidos.
Ela voa para um infinito
E vai resoluta
A outros mui distantes pombais,
Que não existem mais.
Some no horizonte quente
E grita como quem vive,
Como quem morre...

Tormenta à beira-mar

Ondas fenecendo vagarosas
Aos mórbidos feixes de luz do ocaso.
Espumas pálidas a beijar
a cristalina areia da praia
Em suaves movimentos.
Sinistra placidez marinha.
Barcaças tristonhas e nostálgicas
Tragadas pelo horizonte desconhecido...

Salineiros lassos e macilentos
Deixam-se contagiar
pela indolência crepuscular,
Sacodem de seus corpos suados o sal do dia.

Lábios salgados,
seios cobertos de poeira salina,
Saliva salgada...Vida com sabor de sal.

Barcas outras ancoradas solitárias,
Esperando debalde uma metamorfose
Em seu cotidiano medíocre.

Tédio rotineiro que antecede a noite,
Lassidão que sucede ao labor diário.
Brisa noturna prematura.
Vento. Tempestade. Fúria.
Barcas aquelas flutuando desvairadas,
Sem rota, afundando eufóricas para o ventre
Imponente do mar.

O sol boceja — pela última vez —
E deixa ver ainda um lânguido raio de luz.
Depois, mergulha de todo nas águas escuras,
Negras, imprevisíveis — o véu úmido da morte.

Palmeiras de copas decepadas,
Rochas açoitadas com violência frenética.
Areia violentada, mulheres lacrimosas,
Angustiadas... encolerizadas!

Suspiros hesitantes de naufragos,
Mãos de corpos invisíveis em trágico adeus.
Salinas rubras de sangue, sangue salgado.

Rugas enormes na superfície marinha:
Vagas raivosas, enfurecidas...

Delírio. Alucinação. Tremores generalizados.
Olhos saltando das órbitas,
névoa intransponível.
Arsênico. A morte — noite tempestuosa e
salgada,
Fim eterno e sublime!

Odor de veneno. (...) Silêncio das horas mortas.
No nascente, a ressurreição salvadora do dia:
Uma tímida e pálida aurora.

O mar e a morte

Noite gélida, tempestuosa.
Mar enfurecido, congelante:
Ondas glaciais e espumosas.
Naufrágio: marinheiro em pânico;
Urros de vento e de medo incontido.
Frágeis criaturas cambaleantes, ofegantes,
Violentadas pelas frenéticas vagas...

Estrelas ocultas pela densa cortina negra,
Reflexos efêmeros de relâmpagos sinistros.
Pulmões encharcados de água salgada:
Respiração débil, irregular.
Lembranças em *flashes* nas memórias desesperadas
De homens que se afogam, que expiram lentamente.

Momentos de angústia, de impotência humana.
Morte dolorosa, vagarosa.
"Beijos cálidos em noites de inverno,
Lágrimas outrora vertidas,
Abraços familiares,
Cartas não enviadas,

Palavras não ditas,
Sonhos perdidos."
Profusão de imagens desordenadas e incoerentes.

Abismo aquoso, pastoso de sangue: suicídios.
Corpos inanimados à deriva, enrijecidos.
Últimos suspiros, últimos olhares, última agonia.
Silêncio.

Só o movimento regular e contínuo das ondas.
Espuma marítima gelada... Calmaria.
Estrelas emergindo da escuridão celestial:
Brilho mortício, frio... fugaz.

Logo, amanhã,
o despertar tépido e calmo do sol outra vez,
Indiferente, apagará as estrelas e as luzes urbanas.
O mar, então, tingido de leves nuances de verde.

Indiferença oceânica. Doce murmúrio das águas;
Banho de luz nas rochas lodosas:
Transparência molhada.
Brilho de vida, quietude e silêncio fúnebres.
Das profundezas, emerge uma massa humana
tumefacta.

E o mar ondula suavemente, depois serpenteia,
Seguindo seu ciclo,
Sua indiferença fria,
Em seu eterno combate com a areia...



mar

Quando chove

Quando chove,
O tempo regride, recua.
As reminiscências de um passado
Longínquo
Renascem, germinam como cogumelos
Grandes e pálidos:
O casarão de paredes brancas,
Que se embriaga de gotas incessantes;
Os passos ruidosos da mãe
Ecoam no assoalho lustroso.
A visita ao porão
Repleto de inutilidades,
Com as quais se brincava
só em dias chuvosos.
A chuva longa, interminável...
Conversas bobas dos adultos.
Relógios retrocedem.

Chuvas de ontem: saudades!
Chuvas de hoje: lembranças...
Quando chove, o tempo recua...

Cheiros da memória

Cheiro bom do colo de minha mãe
Cheiro bom do feijão de minha mãe
Cheiro bom de café
Cheiro bom da chuva lavando o telhado e a rua
Cheiro bom das brincadeiras
Cheiro bom de moleque
Cheiro bom de infância

Ah! Que saudades desses cheiros
Que eu não sinto mais...



Voo para o infinito

Estou ficando velho,
Cada vez mais miúdo de corpo,
Grande de alma.

Tão grande que, em breve,
Não caberei mais dentro deste corpo leve,
Transformado em um labirinto de rugas.

Por isso, não estranhem
Se amanhã ou depois
Notarem minha ausência repetida:
Quando o corpo encolhe, nascem asas de éter!

Então, certamente, eu terei voador,
Com a pressa das borboletas recém-saídas
dos seus casulos.
E voador para o infinito,
Onde não existem mais
nem o tempo, nem as dores, nem os muros.
Para o infinito, onde os velhos e os poetas
Finalmente descansam seguros.

Poema metalinguístico

Meu poema é um emaranhado
De versos, versos tão diversos,
Vastos, vagos, vulgares.

Sou poeta sem inspiração,
Contemplando com olhos de desânimo
A folha de papel em branco: vazia.

Meu poema diverso
É um conjunto aleatório de versos
Sem contexto, sem métrica, sem nada:
Escrever é difícil: dói a alma.

Escrevo apenas. Deixo a palavra ser
O que quiser,
Tentando traduzir
Sensações em versos.
Mas me disperso:
Sou poeta vulgar.

Queria, entretanto, um poema
Primeiro e último
Para que eu pudesse dizer
As coisas da língua, a língua das coisas.

Poema que mostrasse
A língua solta
e sem a intromissão da gramática,
A língua humana e sem pátria definida,
A língua da própria vida.

Só que não tenho tanta inspiração,
Sou poeta e estou a esperar
A palavra certa chegar,
O verso se compor...

Sou poeta e poeta vulgar,
Mas, ainda assim, sou poeta
E a palavra é o meu lar.

Manhã cinzenta

A manhã surge cinzenta,
Desbotada,
Carente de cores.
Boceja friorenta.
As manhãs cinzentas
São sempre tristes,
E eu me descobro com uma ponta
De medo, de agonia indefinida,
Com uma lágrima
Que corre em minha face desprevenida.
As manhãs cinzentas são sempre tristes:
Me invade um súbito desejo suicida.

Anarquia literária

Anarquia literária, quero-te
Com ideias sem nexos,
Prosa ritmada,
Poesia sem rima,
Com sonhos, de tão fantasiosos, reais,
Com sua fúria assassina.

Quero-te com ânsias de poeta e loucura divina
Para festejar esta desordem poética,
Este vazio pleno de palavras,
Estranhas, bárbaras e bravas.
E para enfim ser livre,
para acabar estes versos de estética
renegada
Com um silencioso e trágico
NADA.

Horas da puberdade

Lembro agora, no silêncio nostálgico
Desta tarde fria,
As horas vadias da puberdade,
Quando ia jogar bola
Nos fundos do cemitério Bom Jesus,
Nadar escondido no rio
Ou espiar as prostitutas à meia-luz,
Ainda em desalinho matinal.

Horas de ócio, de molecagem colegial,
Enquanto os adultos se encavernavam
Para beber o café vespertino
E divagar sobre política
Ou sobre o enterro de véspera
de um certo primo.

Horas nossas, vadias como nós,
De liberdade ingênua, medrosa e tranquila.
Horas de um relógio mágico,
Que ficou parado
Lá nas casinhas da vila.
Hoje o relógio é rápido e trágico:
Terrível, o tempo me aniquila!

pu
ber
dade

Cotidiano

O vento faz curvar ao chão
Os delicados pendões do capim
E esvoaçar as frágeis sementes aladas
De misteriosos arbustos daninhos.

O sol empalidece as cores e as fisionomias
E anuncia aos animais a hora do repouso.
Uma gata magra amamenta seus filhotes
Com o leite escasso de suas tetas.

Pássaros escondidos em algum galho de árvore
Repetem suas melodias gastas
Que ninguém mais ouve:
Sons rotineiros, misturados aos ruídos citadinos.

O céu é de um azul saliente,
Quase doentio,
E as nuvens parecem gigantescos algodões-doces
Com os quais sonha
a menina de vestido amarelo
em suas tardes
de melancolia pueril.

Coisas quase mortas, coisas murchas.
Excesso de luz.
O verde-escuro das laranjeiras em flor
Rivaliza com o azul do céu.

Rolinhas choram em seu canto triste.
Borboletas exaustas e embriagadas pelo perfume
Das flores de verão
Cochilam alheias ao mundo.

Meninos brincam de capturar cigarras
Nos troncos musculosos das mangueiras.

Horas murchas, quase mortas,
Desidratadas de calor.
Horas cotidianas
Que ninguém nota.

Poema românticozinho
ou uma farsa poética

— Menina, quanto é teu coração?
— Não é nada não, meu sinhô!
— Como não, meu cravo?
— Pro sinhô, oficiá, dô de bom grado.
Tem agravo não!

— Oh! Minha canela,
Que coisa mais bela isso que falou!
Mas entre, entre! Basta de prosa,
Minha rosa!
()

— Ah! Não me enganei.
Que delícia, que fogo tem tua carícia...
E agora, quanto é, paixão?
— É nada não. Meu coração é teu.
E o vosso também agora é meu, capitão.
Tu não me esqueces mais,
Nem com prece a São Jorge
e Nossa Senhora da Consolação!
— É sim, mulata! Mas é que tu me fizeste

Mandinga brava no terreiro!
— Fiz foi não! Fiz é aticar sua brasa!
— Que importa?! Sou teu sim, inteiro,
E nem a peste,
que tanto mata,
há de arrebatarte de mim.
Vam'bora por essas terras do Sem-Fim,
Já que roubaste meu coração, alecrim!
— E sem demora, meu bem,
Que de amar já é boa hora!
— Seja, seja, minha cereja...

Ah! Mulata
Tu inda me matas:
Que delícia, que fogo
Tem tua carícia...

An abstract artwork on the left side of the page. It features bold, expressive black brushstrokes that form a central, somewhat vertical shape. This shape is surrounded by numerous small, bright yellow dots and larger, more diffuse yellow splatters, creating a sense of movement and energy. The background is white, which makes the black and yellow elements stand out.

Canção de abstinência ou uma paródia irônica à Canção do Exílio

Minha terra tem cabarés,
Onde dançam
prostitutas carnudas e voluptuosas
o sensual balé.
Nossos cabarés de lá
São redutos do sexo bem-feito
para os homens de boa-fé.
Tudo bem ensaiado,
de prazeres tantos e despudorados!

Nossas mulheres são as mais sensuais
E não se cansam fácil como as daqui.
Usam artimanhas e segredos tais
Que nos endoudecem!
As prostitutas daqui não são como as de lá!
São enfadonhas e me aborrecem.

Os cabarés daqui são asquerosos,
Escuros e tenebrosos.
Os nossos são amplos e alegres,
Agradáveis aos sentidos, de ares tão leves:
Templos do amor livre,
Paga-se com prazer o que se deve.

Ah! Não permita, Deus, que eu morra
Sem tornar a ver aquelas mulheres,
Sem gozar de novo as delícias de suas alcovas,
Pois, por mais que tente, tão logo o desejo sugere,
Desfrutar dos prazeres do sexo por cá,
Prazer só encontro eu lá.

Ferido

Você me deixou ferido,
em carne viva,
o olhar perdido,
a boca seca, sem saliva.
E eu nem sei por quê.
Quando será que me perdi de você?
Estou no escuro,
a luz que eu tinha foi contigo;
nas ruas eu ainda
te procuro,
mas volto sozinho, a dor vem comigo.
Você me deixou pelo caminho,
sangrou meu corpo,
e, no fim, fiquei sozinho,
sem consolo ou abrigo,
em carne viva,
o olhar perdido,
a boca sem saliva
E eu nem sei por que tudo acabou assim.
Quando será que você se perdeu de mim?

Poema só para Doracina

Doracina,
A vida é tão árdua,
Mas em ti parece tão leve,
Posto não te fatigares jamais.
Nem mesmo a dor te vence:
em ti, vai-se rápida e breve.
E tu emerges alvissareira,
como os mensageiros da Paz!

Doracina,
Tens a força de um Ciclope,
A sutileza poética de uma rima.
Célere, anuncias a esperança de um novo tempo.
Caminhas com pressa,
chegas de uma vez e a galope,
Mas não te negas a ouvir
a música dos homens, nem a voz do vento!

Doracina,
Em ti contrastam a coragem divina,
e a leveza graciosa de uma bailarina.
Quando falas, teus olhos brilham,
Teu abraço inclui,
Tua presença conforta e fascina!

Sem cansaço, abres caminhos para os amigos,
Aplainas vales, galgas montes.
Esta há de ser sempre tua sina:
Revelar-nos a beleza
longínqua e real dos horizontes,
Que nem suspeitávamos ver além e defronte...

Mas será isso uma sina?
Não creio. Há de ser mais uma graça,
Que te habita e leva aos lugares onde passas;
É tua marca, tua vida,
tua cadência ainda viva de menina...

Então, que mais te falta dizer, Doracina?
À professora, à mulher, à amiga?
Nada, senão que, metódica, sigas na tua messe,
Plantando sonhos e revoluções floridas,
Enquanto, serena, espalhas a lógica
da tua humildade decidida
Em campos já sabidos e em rotas desconhecidas.

Feliz daqueles que contigo caminham,
plantam e colhem,
pois aqueles que realmente te conhecem
Nunca mais desse encontro se esquecem...
Que te guarde sempre o nosso bom Deus:
Essa é para ti, Doracina, minha íntima prece.

Doracina Aparecida de Castro Araujo foi minha professora na graduação em Pedagogia, quando a conheci e tive a oportunidade de ser seu orientando de iniciação científica e de projetos de extensão no período de 2008 a 2010. Depois, continuamos a trabalhar juntos, pois ela foi minha orientadora de mestrado em Educação de 2011 a 2012. Assim, tivemos muitos trabalhos científicos e atividades universitárias desenvolvidos em conjunto em uma feliz e profícua relação acadêmica, permeada pela minha afeição e admiração à professora Doracina, pessoa que muito me inspirou e inspira, marcando indelevelmente minha trajetória de vida e formação. A ela, meu carinho e gratidão.

Ternurinhas para Ana

Algumas coisas que amo,
Eu guardo numa caixinha velha
de veludo cor-de-rosa,
Herança singela de minha avó.

Outras coisas que amo,
Eu guardo no papel,
em palavras e prosa de gente só.

Mas há ainda outras coisas que amo,
E estas eu as guardo no coração,
bem grudadas no meu peito
Para que nunca se afastem de mim
e acalentem as horas tristes de quando, desfeito,
Sou todo profundeza escura de oceano.

Uma dessas coisas,
e na verdade não é bem uma coisa,
É o meu retrato interior de Ana,
A quem a vida, dando lá seu jeito, fez minha amiga:
Amiga de alma, amiga de sempre,
amiga-presente,
posto que, tão certamente,
Também posso dizer que me ama!

Ana é uma grande amiga que conheci na graduação em Pedagogia (2007-2010) e esteve muito presente em minha vida naquele momento, tornando meus dias mais felizes e esperançosos. Até hoje, mesmo com a distância e a passagem inexorável do tempo, ainda mantemos contato e, quando possível, nos vemos.

Resistência

Uma erva sem nome emerge
Magricela e desfolhada
Pela fenda milimétrica
de uma calçada.
Emerge...
Penso na luta épica
das coisas
frágeis e mudas
Pela vida.

Ansiedade telefônica

Os relógios apressam a morte
E os telefones parem a angústia:
Expectativas dolorosas
Sem sentido
Não há ninguém que se importe
Comigo.



Inverno

Tarde de inverno:

O céu, medroso, tingido de azul-cinza;
O vento contínuo, impiedoso,
Congelando as coisas vivas,
Desfolhando as árvores frias,
Empoeirando o pátio das casas sombrias.

Vento de morte, frígido como gelo,
Que arrebatava as florezinhas leves e indefesas
Das poderosas mangueiras.
Vento que despenteia os cabelos
Dos que, descuidados, saem à rua coberta de poeira.

Inverno

Vento frio de inverno,
Muito frio e triste
Como só o é a morte.
Vento que é princípio do fim:
Veloz, a ele não se resiste.

Tarde fria de inverno:
O vento contínuo, impiedoso, persiste —
É vento que leva os velhos,
É vento da morte! É vento frio e eterno.

Amar em silêncio

Teu riso,
Teu corpo,
Tua música — meu tom,
meu ritmo e som —
Teu olhar de encanto:
Quero tudo, quero tanto!

Não sabes que te amo?
Não sabes o quanto...
E chamas-me teu amigo.
Então, silente, eu não te chamo:
Não sei o que te digo...

Mas quando, de repente, te vejo,
Meu peito agoniza, minha pele arde em desejo,
Meu coração dilacera,
palpita veloz e grita comigo:
Eu, porém, sempre à espera, nada te falo.
Sofrimento atroz:
Morro um pouco a cada vez que me calo.

Teu riso,
Teu corpo,
Teu canto:
Meu íntimo espanto.
Tua ausência, meu silêncio, meu pranto de dor:
Ah! Tu nem sabes do meu amor,
Tu nem sabes o tanto!

Amar
em
silêncio

Frieza americana

Sempre assim, sempre assim:

Você diz que me ama,

mas eu sei que não.

Você só pensa em dólares, em Coca-Cola:

nem sequer me dá bola.

Você me beija,

fria e melancólica;

seu desejo não é a carícia nem o beijo:

é o prazer sádico de tudo destruir.

Nem se importa

se eu ficar ou partir.

Você fala em liberdade,

mas eu vejo a sua dominação

tão torpe e tão estúpida,

ferindo como bala de canhão!

Você fala em amor e igualdade,

e eu vejo miséria e corrupção

como a última novidade...

Você me abraça,

não tem mais graça!

Você fala em um mundo melhor,

faz juras de amor e planos,

mas só eu sei da sua censura,

do seu olhar de engano.

Eu sei, eu sei de tudo...

e já nem me iludo!

Você ainda diz que me deseje,

hora qualquer que seja,

mas é só vontade louca de me possuir,

porque você não ama:

eu sinto sua frieza americana.

Não adianta mais mentir!

Sempre assim, sempre assim...

Você fala em amor,

mas você só deseja dinheiro e guerra,

só espalha a dor pela Terra.

Eu sei mesmo de tudo na nossa vida,

porque ainda dói forte aquela ferida.

É sempre assim, sempre assim...

Ai, ai de mim!

Último beijo

Oh! Minha pequena,
Me dá este beijo
Com cheiro de sangue, suor e saudade,
Sem horror, sem raiva e sem pena.

Me dá este olhar brilhoso e risonho;
Esta face fugidia de serena melancolia.
Me dá teu corpo vigoroso,
Que tanto amei um dia.

Me dá, de novo, teu sorriso e tua carícia,
Teu desejo de luta, tua força, tua arte,
Teu amor e tua malícia.

Me dá teu sabor de sal,
Tua luz-sol,
Tua lucidez e tua loucura,
Nesta hora final.

Me dá este último beijo
Com gosto amargo e cheiro de morte.
Apenas me conforte
Com o eco da tua voz muda e o esboço da
tua risada:
É tudo de que preciso. Mais nada.

Último
beijo

revisitado

— Doutor, eis os sintomas
desta estranha patologia:
Fui poeta precoce,
Perdi a razão pragmática,
Sinto melancolia
Por mais que, para fingir alegria,
Tanto eu me esforce.
Tenho ansiedade e tédio.
Também estou viciado em Internet
e séries dramáticas de TV.
E me invade uma vontade de morrer
Quero pular do alto do meu prédio!

.....

— Ah! Meu caro paciente,
já não tens outro remédio,
Com tal sintomatologia,
Senão ler um pouco de prosa ou poesia
E comprar uns bilhetes
para aquela tua viagem sabática...
É essa a prescrição
da medicina feliz e prática.



O pianista

Lá naquele prédio,
No nono andar,
Tem um pianista
De olhos azuis
Da cor do mar.
Com mãos suaves,
Vai tocando meu coração,
Entre sons agudos e graves,
Faz sua melodia.
Sem saber, anônimo,
Faz alegre meu dia.

Lá no nono andar,
Tem um pianista
Que me faz querer amar.
Por ouvi-lo, tenho sorte!
Com seus acordes,
Afaga e acaricia meus ouvidos.
Desperta-me mil desejos.
Entre uma nota e outra,
Parece que me lança, comovido,
A poesia breve de um beijo.

Lá naquele prédio,
No nono andar,
Tem um pianista
Que me cativou o olhar.
Quando passo perto,
Não tenho mais dúvidas,
Estou certo:
Forçando os olhos até onde alcança a vista,
É lá que eu quero morar!

Pianista, pianista,
Não deixe
nunca de (me) tocar!

Espera

Tuas fibras me constituem e me dilaceram.
Dia a dia atormenta-me tua ausência repetida
nesta longa e insaciada espera.
Quando vens? Quando voltas?
Falta-me teu beijo, tua carícia,
Falta-me teu gozo de espanto,
Falta-me a malícia
do teu olhar de encanto...
Falta-me a vida que emana, louca, do teu desejo.
Falta-me tudo, falta-me tanto:
eu só tenho esta saudade insistente,
e as lágrimas mornas do pranto.
Quando vens? Quando voltas? Quando te vejo?
Porque a espera é brasa terrível e candente...

Tuas fibras me constituem e me dilaceram,
E não tenho nada,
falta-me tudo,
falta-me a vida
nesses dias de solidão repetida...
Quando vens? Quando voltas?
Não dizes palavra alguma...
É sempre esta tua resposta: o silêncio e a esquivia...
Quando vens? Quando voltas?
Nunca... Nunca... foste embora com a bruma,
foste, fluida como éter, tornar-se celestial diva...

Quando vens? Quando voltas?
Não há respostas:
Estão fechadas todas as portas...

Sozinho

Você se foi com o vento da noite,
e eu fiquei sozinho,
ferido de açoite,
recolhendo as flores que caíram pelo caminho...
Você se foi como os pássaros no inverno,
foi para tão longe...
não me quer mais por perto.
Você se foi no intervalo de uma carícia,
nas asas de uma borboleta breve,
levando consigo as lembranças do meu mal,
a malícia do meu enredo.
Você se foi antes que derretesse a neve,
foi como o vento da noite,
em silêncio e segredo:
saiu sem fazer barulho, tão fugaz, tão leve.
Você se foi como pluma
e eu fiquei sozinho,
no outro dia, ao romper a bruma,
sem palavras, sem sonhos, sem nada,
fiquei sem os seus carinhos:
você se foi com a última vaga.

E eu fiquei sozinho,
ferido de açoite,
sabendo que não virá hoje, nem noutra noite;
está tão longe, tão perto.
Você se foi com o vento frio do inverno,
e eu fiquei perdido — caminhante incerto —
apanhando as flores
que caíram quando você passou sozinho
naquele nosso caminho...

sozinho

Nós

É som,
é silêncio.
É tua voz
é o desejo atroz.
É a melodia e o tom.
É teu gosto,
teu olhar,
teu rosto.
Está tudo a descoberto,
está tudo posto.
É tua canção,
minha letra,
acordes loucos do teu coração.
É o som.
É o silêncio.

É o sonho bom.
É o batuque, a batida,
é o samba na avenida,
é alegria e despedida,
é a seda, o tambor, o pandeiro,
é esse teu corpo,
esse teu cheiro.
É a paixão feroz,
é algo antigo,
isso que existe
cá bem dentro de nós!

Tormentos do amor

Teu riso é meu pranto,
teu olhar meu encanto,
tua ausência é meu tormento,
tua lembrança meu melhor pensamento.
Mas não dizes nada,
nem olhas nem falas:
tu te calas
e eu me desespero,
porque finges não te saber amada,
quando te sabes senhora de mim,
quando te sabes meu começo e fim!
Espero e tu te calas,
mas na nudez do teu silêncio,
meus sonhos de amor embalas,
porque te quero inteira,
em teu riso, em tua mudez,
em teu grito insensato,
em teu desejo de mulher intacto.
E agora, o que tu me falas?
Nada... e teu silêncio fere,
como mil balas.

Só se estiver pronto

Não me chame,
se não for para me fazer flutuar,
como pássaro leve,
nem diga que me ama,
se for só por um instante breve,
com palavras vazias,
levadas pelo vento,
à primeira de suas ventanias...
Não olhe para mim,
se não puder enxergar minh'alma,
nem me abrace tão forte assim,
se ainda não puder abraçar o mundo comigo,
se teu abraço for só de amigo!
Não queira estar ao meu lado,
se tiver se enganado...
Mas, então, se compreender meu suspiro,
se puder ouvir as batidas do meu coração,
se entender meu sorriso,
venha logo: é do teu amor que preciso!

Venha, que eu te espero,
para completar melodia e canção,
voz e violão.
Se souber o que eu quero,
Venha logo,
que tua ausência é o pior flagelo.
Mas não me chame,
enquanto não estiver certo,
Nem me queira por perto
se ainda não sentir nada por mim
além de simples afeto.
Se não estiver pronto,
Não me chame...
Porque quando eu for,
vou esperar, aqui dentro de mim,
que também me ame tanto assim.

Ser-labirinto

Sou um conjunto de silêncios,
Abismos intermináveis e profundos.

Sou labirinto:
Perdi-me em toda a dor
Que sinto.
Só.

Pandemia

De repente, quase todo mundo vê
O que olhava sempre e sabia,
Mas nunca via.
De repente, a morte e a doença
Fazem sentir, tão vivas,
Sua trágica presença.
De repente, tudo é silêncio e ausência,
isolamento e deserto.
São tantas máscaras,
barreiras e distâncias,
Que não se pode mais sentir de perto
O rosto que sofre,
A lágrima que corre,
O beijo amigo que comove,
O abraço que conforta,
A mão firme que sustenta e socorre.
Tudo ficou vazio e triste.
Só a esperança que, em sua rebeldia,
Já quase morta,
Ainda insiste
Em não ser mais uma vítima de pandemia.

Até que, talvez, tudo passe.
Mas, depois de tantas
máscaras, mudanças e mortes,
Ainda nos lembraremos de nossa face?
Ainda nos lembraremos de quem fomos um dia?
Haverá, ainda, alguém que nos espere e abrace?
Não há respostas, ninguém sabe:
Só o medo grave
e o desejo aflito
De que, de repente, tudo isso acabe...



Estou só

O tempo passa, e eu estou só.
As ondas do mar me envolvem,
enquanto te espero.
Mas a praia está deserta.
Então me debato, me desespero,
Por que não vem? Minha cabeça está encoberta
... a água está
tão quente,
tão clara:
espelho e mortalha...

O tempo passa e eu estou só,
grito, mas as pessoas não podem me ouvir,
Onde está você? Por que não aqui?
... O tempo morre
como a água do mar na areia,
E eu estou só,
a água me invade... Acabou-se...
Minha dor, meu pranto,
Só o sal do mar:
minha solidão, teu espanto...

Não demore

Está frio lá fora,
E eu sinto sua falta,
mas eu sei: você não demora,
vem com o vento.
Pássaro veloz,
eu ouço seu canto
que ressoa lá do vale.
Nessas horas de solidão e sofrimento atroz,
Eu bem sei,
Você me deixa e não quer que eu chore,
mas sua ausência eu sinto tanto:
como quer que eu me cale?
Voa depressa, voa na rapidez do som,
voa com o vento, traz dele o ritmo e o tom,
Que eu preciso de você comigo.
Só não demore, que está tão frio.
E me faz falta seu abraço: meu abrigo.
Vem depressa, que eu ouço, de longe,
O som do seu assobio...

abraço

Seu abraço
é revoada de pássaros:
sinto a força coesa do voo embalado
no ruflar das asas do seu coração,
batendo veloz e ritmado.

Seu abraço
é revoada de pássaros:
explosão de cores e cantigas em seu enlace.
Quando me abraça,
Vibra meu corpo inteiro,
Vão-se todas as dores:
Toda a saudade, de repente, passa.

Seu abraço
é revoada de pássaros:
Fugaz, foi para longe, em migração incerta.
E eu fiquei aqui desfeito,
A mão estendida e aberta,
O vazio crescente no peito.

Seu abraço
é revoada de pássaros
indefinidos na linha do horizonte.
Já voaram
E eu nem sei para onde...

Verdade?

A verdade não está no que falo,
Nem nas entrelinhas.
Está no que calo.
Não é o que sinto,
Mas o que minto,
Fingindo ser feliz e finito
Quando, de fato,
Sou vastidão, vazio e infinito.
A verdade está na mentira
De todo dia.
Como na construção vacilante
Do Ser
[E]
da
Poesia.

Veredas pedagógicas

Enfim aqui chegamos:
Muitas foram as viagens
e árduas foram as travessias.
Tantas lutas, sonhos
e conquistas de que falamos...
Tantos atrasos, tantos encontros,
tantas lágrimas, quantos risos!
Às vezes, alguém partia,
e todos davam suas despedidas,
Mas alguns iam mesmo em silêncio, sem aviso.
E nessas horas havia ausência,
vazio e tristeza...
A música da saudade vinha embalar nossa alma.
Até que, misteriosa e serena,
a Arte devolvia-nos
a antiga leveza, renovado vigor e calma,
Incluindo-nos
sob a gestão delicada do amor,
curando velhas feridas!

Aprendizes de professor,
A cada aula, a cada encontro, a cada estágio,
Fomos construindo juntos um poema inspirador
E a presença de todos foi nosso maior apanágio!

Então, que mais lhes dizer neste instante?
Nada, senão que sigam com ânimo
nesta rota dialógica,
Ouvindo a canção dos homens, o apelo do vento...
Isso não é tudo, mas às vezes será o bastante.

Chega-lhes um novo tempo, uma nova hora:
Recebam, então, nosso abraço,
Pois é longa a caminhada
e será preciso sempre avançar mais um passo.
Não há, porém, motivo para medo: ontem, hoje,
amanhã e agora
Vamos de mãos dadas.
Para sempre juntos
nas memórias que levam consigo,
Alunos que viraram amigos!

Confiantes, sigam pelas veredas pedagógicas
da nova messe,

Plantando sonhos, colhendo alegrias,
ensinando lições encantadas...
É o que lhes desejamos em sua jornada!
E que nela guarde-lhes sempre o bom Deus:
Esse é nosso maior presente, nossa íntima prece
Àqueles de quem nosso coração já não mais
se esquece...

Paranaíba, MS, 28 de novembro de 2011.

Poema dedicado, por ocasião de sua formatura, aos meus alunos e às minhas alunas normalistas da Escola Estadual Aracilda Cícero Corrêa da Costa, turmas A e B, no ano de 2011, que tanto marcaram minha trajetória de vida e formação. *In memoriam*, dedico este poema a Clotilde Bomílcar de Freitas, minha professora de graduação em Pedagogia, amiga diletta e então coordenadora do curso técnico Normal Médio, no qual atuamos juntos como colegas de trabalho em 2011, partilhando ternuras, conhecimentos pedagógicos e encantamentos artísticos.

vida

O segredo da vida

Quando lhe bater
aquela tristeza súbita e inexplicável,
Quando o repouso não lhe bastar,
Quando a vida parecer trágica e insana,
Quando a manhã cegar-lhe de tão clara,
ou a noite amedrontar-lhe de tão sombria e profana,
Quando a dor for tão intensa e insuportável
que lhe emudecer as palavras
e roubar-lhe a alegria,
Não diga nada.
Não se contamine com ópios e palavras: Não!
Apenas saia bem devagar nesse dia,
procure, até encontrar, uma borboleta.
Contemple-a, acompanhe seu voo
livre e despretensiosamente breve.
Isso bastará para que sua alma fique leve.

Terá visto, diante de seus olhos,
o segredo miúdo da vida,
e já não será mais um míope.
Então, poderá voltar aos afazeres,
poderá reencontrar os amigos
e os velhos prazeres.
Nada lhe parecerá medíocre.
Antes, porém, não se esqueça:
é preciso que bata, também, as suas asas,
suas asas ocultas de borboleta!

Sobre mim

Talvez, após ter lido esses poemas ou alguns deles, você tenha desejado saber um pouco sobre a trajetória pessoal de quem os escreveu. A curiosidade é esperada e bem-vinda nesse caso. Então, vou lhe contar um pouco sobre mim. De minha biografia não profissional, como pessoa cotidiana, posso dizer-lhe o seguinte: sou natural de Paranaíba, MS, um sertanejo "nascido e criado" nos sertões do Paranaíba (1989-), de maneiras provincianas, filho de mãe paranaibense e pai migrante nordestino que, ainda criança, com seus irmãos e primos, deixou o sertão de Alagoas para estabelecer-se no antigo Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul, fugindo da seca e da fome.

Caçula de uma prole de cinco filhos, cresci embalado pela minha mãe, ouvindo as histórias contadas pelo meu tio, irmão do meu pai, em uma infância nem sempre tranquila e abundante, mas dividida entre a paisagem urbana da pacata Paranaíba e a paisagem surpreendente do campo, pois tínhamos sítio, e meu pai e meu tio eram também empregados de fazendas vizinhas. Assim, a energia telúrica e os encantos das coisas pequenas e vivas, quase nunca percebidas, estiveram comigo desde os meus primeiros anos. Talvez influenciado por essas histórias, por esse cenário e pelo ambiente doméstico, cercado de irmãos mais velhos e que se formavam como professores, tornei-me um leitor voraz e precoce, e escritor de e para mim mesmo.

Enquanto as crianças brincavam na rua, eu brincava com as palavras, escrevia poemas, descartava muitos,

reescrevia alguns, inventava novos, tecia ideias. E, desde então, fui acumulando poemas, escritos principalmente à mão e guardados comigo na expectativa de um dia reuni-los em um livro. Foram vários cadernos de poemas e de outros textos produzidos já na infância, redigidos de forma pueril, tão bons quanto se pode esperar de uma criança. Não obstante, esse exercício de escrita foi sempre muito catártico e formativo para mim, de modo que, ao longo dos anos, pude aprimorar minha técnica, encontrar uma estética e brincar com as palavras de modo mais elaborado e consciente, a partir das influências que tanto marcaram meu encantamento literário, como a poesia simbolista e a modernista, sem desprezar também os resíduos românticos que sempre compuseram parte de minha escrita, como costumava evidenciar em meus rascunhos.

As aulas de literatura, língua portuguesa e redação, pela mediação de meus professores dessas disciplinas escolares e dos materiais didáticos, além de meus esforços e pesquisas pessoais, mais o hábito de ler sempre e de frequentar a biblioteca da cidade, foram circunstâncias muito importantes desse processo de conhecer, cada vez mais, a escrita literária, seus estilos e suas possibilidades. E, então, desde muito pequeno, eu alimentava esse sonho de organizar e publicar um livro de poemas de minha autoria, um livro que reunisse meus encantos, meus pesadelos, meus medos e minhas horas de espanto diante da vida; que traduzisse, em versos, as emoções estranhas e escondidas que estavam com as pessoas, esperando serem ditas. Muitas foram as tentativas, as idas e vindas, muitos os planos, mas a falta de recursos finan-

ceiros e, depois, também de tempo sempre impediam a realização de tal propósito, e eu o adiava mais e mais. Já nos últimos anos, passei mesmo a acreditar que isso nunca ocorreria, e que os poemas, afinal, tinham cumprido seu papel para mim: o de catarse, de criação artística e de fruição estética — carecimentos tipicamente humanos. Ademais, o ritmo acelerado do trabalho, as obrigações da vida adulta e os estudos acadêmicos também foram, aos poucos, fazendo-me caminhar em direção contrária, a ponto de quase abandonar a escrita literária e os experimentos poéticos que tanto me instigavam em sua emergência libertária.

As pretensões editoriais estavam, portanto, aparentemente interditas e os textos ficaram esquecidos no armário, cochilando sem pressa, em latência. Pouca gente sabia que eu os tinha e que já

escrevera com muita frequência em outros momentos. O homem comum e de labor cotidiano, apressado e mundano, sobrepujava o poeta, que se refugiava nas gavetas pouco abertas ou nas horas casuais, incertas, quando alguma emoção o libertava devagarinho. Por isso, para muitos dos meus colegas, amigos e conhecidos, deve ser uma surpresa ver-me, agora, como autor deste livro, como se, de repente, eu surgisse poeta, pois estão muito mais acostumados com minha identidade acadêmica. Na verdade, o poeta sempre esteve em mim, renegado ou latente, como parte de tudo que sou *sendo*, e me faz gente. Só agora, porém, esse poeta, pelas felizes circunstâncias e oportunidades do destino, pôde vir à tona, ganhar corpo, voz e vida nas páginas e signos de uma publicação que parecia impossível, fadada ao abandono, esquecida, ou tantas vezes adiada *sine die*.

Isso foi possível graças ao financiamento e à editoração de obras literárias viabilizados por um edital interno da Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, a EDUFGD, órgão suplementar dessa universidade, pelo qual tenho grande carinho e respeito. Este livro, enfim, se materializa: em papel, em tinta, em cores, em cheiro, como objeto tangível, próprio e inteiro. E, com isso, liberta de vez o poeta que jazia calado, quase deslembado de seu ofício de encantador de palavras e compositor de versos alados. Agora, liberto, fala o poeta, e tagarela até, nesse conjunto de poemas que são aqui dispostos e propostos ao(à) leitor(a). Escritos em diferentes momentos da minha vida, desde a adolescência, sob inspirações e motivações diversas, os poemas remontam há vários anos; estão empoeirados, pois foram guardados

por longos períodos até que pudessem, finalmente, ser reunidos para virem à luz e serem (demo)lidos¹.

Alguns estão bem gastos, outros são mais novos ou mais resistentes ao tempo. Mas isso não importa muito. O que me (co)move é que pude reuni-los e reviver suas emoções, esperando que também causem em você sentimentos, quaisquer que sejam, porquanto a poesia é para esse intento. E que ela nos ajude, como humanos que *somos sendo*, a compreender nossos desesperos íntimos, nossos medos, nossas dores, nossa certeza de morte e nossos dramas; e também a cantar nossa

¹ Manifesto aqui meus agradecimentos ao Luciano Mendes, que, tão gentilmente, aceitou realizar a leitura dos originais deste livro, enviando-me sugestões para sua melhor apresentação, bem como redigir o posfácio. Obrigado, Luciano, por dispor-se a palavrear comigo e com aqueles(as) que nos leem.

vida, nossas miudezas, nosso cotidiano, nossos sonhos, nossos desejos e belezas, em tudo (re)conhecendo os encantos ínfimos, quase nunca sentidos ou sabidos, mas tão reveladores para quem os deixa manifestar. E é exatamente isto que, humildemente, lhe peço enquanto ler esses versos: apenas deixe a emoção se manifestar. Assim, muitos outros poetas poderão também libertar-se, múltiplos e diversos. O mundo, afinal, precisa deles(as) para não cegar, lembrando, aqui, a prosa de Saramago. Boa leitura de poesia e obrigado por me fazer companhia nesta jornada tão peculiar e pessoal, de *desesperos íntimos e encantos ínfimos*.

Giovani Ferreira Bezerra

Dourados, março de 2021, quase outono

Palavreando o humano

2022 será, sem dúvida, um ano emblemático em nossa história. Ao mesmo tempo, olhando para o passado, no presente comemoraremos/rememoraremos os 200 anos da independência do Brasil e faremos aquelas que podem ser as mais importantes eleições do Brasil republicano, definindo não apenas o nosso futuro imediato, mas de boa parte das gerações vindouras. A continuar a escala atual de destruição, não restará país para comemorar os 300 anos de independência.

Nestes tempos em que vivemos, em que as ciências e os conhecimentos "objetivos" têm se mostrado insuficientes e/ou impotentes para o esclarecimento, é das artes que vem o nosso maior auxílio na luta contra a barbárie e, sobretudo, contra a

desesperança e nosso próprio desespero. São elas, as artes, que, teimosamente, repetem com nosso poeta maior: "havemos de amanhecer". São elas que têm nos permitido palavrear todos os humanos que habitam em nós, inclusive os mais perversos e desprezíveis, e, desse modo, nos ajudam a elaborá-los e, se for o caso, combatê-los.

Sintomaticamente, a minha primeira leitura do ano foi do livro de Giovani Bezerra, que ora tenho o prazer de posfaciar. Nele, o autor passeia por diversas dimensões do humano e, de forma contundente, palavreia as nossas maiores angústias e, por que não, alegrias. Do colo da mãe, passando pelas asperezas da cidade e do sertão, à caminhada em direção ao nosso destino último e comum, há espaço na escrita de Giovani para quase tudo, inclusive para uma metarreflexão sobre a própria palavra escrita.

Numa tradição que remonta ao século XIX, a infância ou, antes, a saudade da infância, comparece de forma marcante na produção literária aqui apresentada. Às vezes, aparece de forma idealizada, num misto de saudade e de nostalgia, como no poema "Infância":

Infância no interior:
O abacateiro frondoso
Do terreno baldio
Onde a meninada subíamos
Para apanhar abacates
E atirar pedras aos velhos.
Sabor de liberdade.
O verde da copa a nos inundar
E a nos abraçar num abraço verde,
Quente e fragrante...
Ah! Saudades do meu abacateiro,
Soberano naquele terreiro!

Ou, de outra sorte, explicitando outra dimensão, a da memória, em que os caminhos podem ser muitos, já que, como indica no poema "Lembrança": "[n]A casa provinciana da infância: [as] Janelas e portas [estão] escancaradas".

A natureza, o campo, o interior, o rio... há uma certa nostalgia no tratamento poético desses temas sem que o eu lírico deixe de explicitar, outras vezes, uma percepção aguda de nossa realidade, como o faz em "O poeta pobre":

"[...]
Posso perceber a mulher frágil e delicada
Por trás da maquilagem de prostituta do beco.
Posso sentir a fome de quem precisa engolir
em seco...
[...]"

Mas, vez ou outra, explode a contradição que prenuncia um dos temas mais candentes da poesia de Giovani: a certeza e a angústia da morte. E é sintomático, me parece, que esteja latente no coração da cidade, e não é de qualquer cidade, como podemos ler e sentir no poema "Sobre o East River":

Sobre o East River
Ponte do Brooklyn:
mil carros
mil metros
mil espectros!

Até Manhattan, um mundo,
um cartão postal,
uma frieza monumental.
Até Manhattan, uma ponte,
Nova York no horizonte.

Um desejo suicida,
uma alegria cinematográfica e homicida.
Até Manhattan, uma vida,
uma curta e breve despedida...

A palavra "morte" e suas correlatas
são, sem dúvida, as mais presentes no
conjunto dos poemas aqui reunidos.
Por um lado, pode-se inferir que isso
guarda relação direta com os tem-
pos em que vivemos. Neles, a morte foi
abraçada por vários grupos, e mesmo
pelo Estado nacional, como política
de governo da população. A morte, por
assim dizer, ronda onipresente o nos-
so presente, como no poema "À espera
do fim":

Espero o sol
Com sua luz morna no inverno.

Espero o vento frio
Com seus pungentes lamentos
A fustigar, violento,
A minha pele enrugada.

Espero a palidez dos cadáveres,
Os beijos gélidos de mulher morta, nunca amada.

Espero a ressaca das horas,
O golpe final do espadachim.
Espero
E isso é murchar em vida,
É sangrar a própria carne.

Espero o inesperável,
A clausura dos velhos senis,
A badalada de um sino longínquo,
Ecoando pelos campos e covis.

Espero, resignado,
A morte inadiável.
A morte, que golpeia todas as esperas
E desperta todos os vermes da terra.

Espero a escuridão definitiva e silenciosa.
E essa espera é toda a vida que me resta,
mas isso já é morte, é despedida de fim de festa.

No entanto, o poeta, por outro lado, como já se disse, é aquele que ousa palavrear as nossas angústias mais dilacerantes. E, ao fazê-lo, canta e nos ajuda a elaborá-las, como nos lembra o poema "Silêncio":

[...]

Canto a morte próxima,
Que, voraz, há de me calar para sempre
E fazer de mim um grande silêncio.
Silêncio ...

É, pois, disto que trata a matéria poética e os poemas de Giovani: tomar a palavra e, por meio de escolhas que nem sempre são de plena consciência, se fazer poeta, como se fosse um carma, um ofício do qual não se pode fugir.

As palavras e o poeta

As palavras me assediam,
Me assaltam assim de repente:
São como brisa sorrateira e silente.
Invadem meus ouvidos,
Dominam meus pensamentos de atropelo.

São tão frágeis e finas como cacos de vidro,
Mas me açoitam com seus gritos,
Me queimam como fogo e gelo.
São como vento forte,
São gemidos de dor, são ânsias da morte.
São facas afiadas que, impiedosas,
Me sangram com seu corte.
E eu, indefeso,
Deixo-me sangrar, abandono-me à sua sorte:
Ao poeta, não é possível escapar ileso!

Conforme o poema acima, não é possível sair ileso da escrita, seja ela poética ou não. Escrever é, na verdade, uma forma de objetivar nossas experiências e, nesse caso, é um viver-se e um morrer-se sem fim, até o fim. Por isso, poesia é *resistência*, é viver-se no morrer-se; é um morrer-se no viver-se.

Resistência

Uma erva sem nome emerge
Magricela e desfolhada
Pela fenda milimétrica
de uma calçada.
Emerge...

Penso na luta épica
das coisas
frágeis e mudas
Pela vida.

Como se vê, não há lugar para a fuga;
há o enfrentamento da aridez, há a
luta e a busca com a palavra.

Luciano Mendes²

Belo Horizonte, janeiro de 2022.

2 Luciano Mendes tem se destacado na prosa literária ficcional. Entre suas obras, sobressaem-se: *A primeira página e outros contos mexicanos* (Veñas Abiertas, 2020), *Entre mulheres* (Caravana, 2021), *Homens de bem* (Eis, 2021) e *A morte do professor* (Caravana, 2022).